



Perfil e estilo de tomada de decisão do treinador de desporto adaptado - Estudo comparativo entre treinadores de desporto adaptado e recém-licenciados em desporto e atividade física

Filipe Miguel Feijó Gonçalves

Orientadores

Professora Doutora Maria Helena Ferreira de Pedro Mesquita

Professor Doutor Marco Alexandre da Silva Batista

Dissertação de Mestrado apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Atividade Física – Especialidade em Desporto Adaptado, realizada sob a orientação científica dos Professores Adjuntos Doutora Maria Helena Ferreira de Pedro Mesquita e Doutor Marco Alexandre da Silva Batista, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

junho 2022

Composição do júri

Presidente do júri

Professor Doutor João Carlos Rodrigues Rocha

Professor Adjunto da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Vogais

Professor Doutor Francisco Miguel Leo Marcos

Professor da Universidade de Extremadura

Professor Doutor Rui Miguel Duarte Paulo

Professor Adjunto da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Professor Doutor Marco Alexandre da Silva Batista

Professor Adjunto da Escola Superior de Educação no Instituto Politécnico de Castelo Branco

Agradecimentos

A dissertação de mestrado é o terminar de uma etapa da minha formação académica que inclui uma trajetória de cinco anos repleta de aprendizagens, experiências, amizades e alguns desafios superados que reúnem contributos e convivências de várias pessoas e entidades que me encaminharam para a pessoa, estudante e profissional que hoje sou. Neste sentido, expresso a minha profunda gratidão:

- Em primeiro lugar a toda a minha família. Um agradecimento especial dirigido à minha irmã, mãe, pai e avós por serem os pilares da minha vida e pelo seu encorajamento constante. Qualquer outra palavra seria limitar o agradecimento por tudo o que fizeram por mim. Obrigado.

- À professora Helena Mesquita e professor Marco Batista pela extraordinária orientação e sobretudo disponibilidade, apoio e interesse ao longo do desenvolvimento da tese de dissertação. Agradeço também pela partilha de conhecimentos e disponibilidade ao longo do meu percurso académico anterior à tese.

- Ao professor Pedro Pires. Ao professor que me acompanhou, apoiou, ensinou e incentivou que podia ser melhor de dia para dia, trabalhando e estudando, o pormenor no mundo que é o desporto adaptado. Obrigado por ser quem é professor e pela aceitação de supervisão do meu estágio curricular, a minha primeira experiência profissional. O seu apoio e acompanhamento ao longo dos últimos anos foi fundamental, obrigado por tudo.

- Aos colegas que nos ajudaram na recolha de dados: Sandra Ribeiro, Gabriela Nunes, José Pedro, Ana Domingues, Inês Fernandes e uma vez mais ao professor Pedro Pires.

- A nível institucional, agradeço à Escola Superior de Educação de Castelo Branco por me ter permitido chegar ao fim desta etapa. Agradecer a todos os professores que me ensinaram a ser melhor.

- A nível institucional agradeço também às entidades para as quais desenvolvo e desenvolvi o meu contexto profissional e que me permitiram ser melhor profissional e treinador de desporto adaptado. Bem-haja à APPACDM de Castelo Branco, APPACDM de Setúbal/União Desportiva para a Inclusão, Junta de Freguesia de Galveias, Escola Municipal de Natação do Montijo e Banda Democrática 2 de Janeiro por me permitirem contribuir para um desenvolvimento desportivo que vise a normalização da pessoa com deficiência.

- A um dos pilares da minha vida, Ana Aranha, por toda a ajuda, incentivo, paciência, amizade e por marcar presença em todos os momentos da minha vida académica, pessoal e profissional.

- A todos os outros que de forma direta ou indireta contribuíram para o finalizar desta etapa! O meu muito obrigado!

Resumo

Na presente investigação o principal objetivo foi identificar o perfil e estilo de tomada de decisão das situações profissionais de treinador de desporto adaptado e recém-licenciado da área, no IPCB.

Participaram neste estudo 47 sujeitos (N=47), dos quais 16 são recém-licenciados e os restantes 31 são treinadores de desporto adaptado participantes no Special Olympics Portugal. Dos recém-licenciados 31,3% (N=5) são do género masculino e 68,8% (N=11) são género feminino. Nos treinadores 32,3% (N=10) são do género feminino e 67,7% (N=21) do género masculino.

Para se alcançar os objetivos propostos utilizou-se como instrumentos para recolha de dados, o Coach Profile Questionnaire e o Sport Coach Decision Style. Os dados obtidos foram analisados com incidência nas variáveis: género, anos de experiência e anos de conclusão de licenciatura.

A metodologia de investigação a utilizar relativamente à qualidade é quantitativa, quanto à dinâmica é estática, em relação à perspetiva considera-se transversal e por fim é classificada, em termos de dimensão, direcionada para a população.

Os resultados mostram que em relação ao perfil do treinador predominante no desporto adaptado é o perfil “Inovador”, apesar desta predominância alterar conforme a situação profissional, pois as preferências dos recém-licenciados recaem no perfil “Colaborador” seguido do “Inovador”. Podemos inferir que o estilo de tomada de decisão predominante é o “Democrático” em ambas as situações profissionais. Confere-se assim que os treinadores da área sejam reflexivos e não conformistas, procurando constantemente novas soluções para adequar o treino às necessidades efetivas dos atletas com necessidade de um clima de confiança entre eles e uma tomada de decisão realizada por parte do treinador, em consenso com os atletas.

Por fim, os resultados permitem-nos concluir que os recém-licenciados na área do desporto adaptado do IPCB adotam um perfil e estilo de tomada de decisão, muito próximos, sem diferenças significativas quando comparados aos treinadores de desporto adaptado participantes no Special Olympics, o que vai ao encontro da literatura analisada sobre perfil e estilo de tomada de decisão que visa o êxito desportivo da pessoa com deficiência.

Palavras-chave

Treinadores; Recém-licenciados; Perfil; Estilo de Tomada de decisão; Desporto Adaptado.

Abstract

In this investigation, the main objective was to identify the profile decision-making style of the professional situations of an adapted sports coach who recently graduated in the area, of IPCB.

In this study, the sample was constituted of 47 persons (N=47), of which 16 are recently graduated and the remaining, 31, are adapted sports coaches who participate in Special Olympics Portugal. Five of the recently graduated (31,3 %) are men and eleven (68,8%) are women. Ten of the coaches (32,3%) are women and twenty-one (67,7%) are men.

To achieve the proposed objectives it was used, as data collection tools, the Coach Profile Questionnaire, and the Sport Coach Decision Style. The data obtained were analyzed in the following variables: gender, years of experience, and years to conclude the bachelor's degree.

The investigation methodology to use relatively to quality is quantitative, as for the dynamics it is static, regarding perspective it is considered transversal, and lastly, it is classified, in terms of dimension, targeted to population.

The results show that the coach profile predominant in adapted sport is the "Innovative" profile, despite this predominance change according to the professional situation because the recently graduated preferences relapse in the "Collaborator" profile followed by the "Innovative" profile. We can infer that the predominant decision-making style is the "Democratic" in both professional situations. Therefore, it can be verified that the coaches of this area are reflective and non-conformists, constantly looking for new solutions to adapt training to the effective needs of athletes with the requirement of a trusty climate between them and a decision-making style performed by the coach following the athletes.

Finally, the results allowed us to conclude that the recently graduated in the adapted sport of IPCB adopted a profile and a decision-making style very closed without significant differences when compared to adapted sports coaches who participated in Special Olympics, which goes against the analyzed literature about profile and decision-making style which aims sports success of a disabled person.

Keywords

Coaches; Recent graduated, Profile; Decision-making style; Adapted Sport.

Índice

Índice de Figuras	XII
Índice de Tabelas.....	XIII
Lista de abreviaturas	XV
Introdução Geral.....	1
Introdução	2
Capítulo 1: Revisão da literatura.....	4
1. Desporto adaptado	5
2. O papel do treinador no desporto.....	8
2.1. Perfil do treinador no desporto.....	9
2.2. Estilo de tomada de decisão no desporto	10
3. O papel do treinador no desporto adaptado.....	12
4. Formação no ensino superior no desporto adaptado.....	13
Capítulo 2: Organização e planificação do estudo.....	24
1. Introdução.....	25
2. Problemática	25
3. Objetivo da investigação.....	25
4. Hipóteses	25
4.1 Fundamentação das Hipóteses	26
5. Variáveis do estudo	27
6. Metodologia	31
6.1 Caraterização da amostra	31
6.2 Procedimentos para a recolha de dados	33
6.3 Instrumentos para a recolha de dados.....	34
6.4 Protocolo de tratamento de escalas	34
6.5 Procedimentos Estatísticos	35
Capítulo 3: Apresentação e Discussão de resultados	37
1. Introdução.....	38
2. Análise de resultados.....	38
2.1. Análise Descritiva	38
2.2 Análise Inferencial.....	51
3. Discussão dos resultados	58

Capítulo 4: Conclusões	64
1. Conclusões	65
2. Limitações e Recomendações.....	68
Referências Bibliográficas	69
Anexos	76
Anexo A – Coach Profile Questionnaire aplicado aos treinadores e recém-licenciados	77
Anexo B – Sport Coach Decision Style aplicado aos treinadores e recém-licenciados	81

Índice de Figuras

Figura 1 - Frequências absolutas do género.....	32
Figura 2 - Frequência absoluta dos anos de experiência.....	32
Figura 3 - Frequências absolutas do grau de formação.....	33
Figura 4 - Critérios de recomendação de Fiabilidade estimada pelo alfa de cronbach (adaptado de Peterson, 1994)	36
Figura 5 - Média e Mediana do questionário "Coach Profile Questionnaire"	39
Figura 6 - Média e Mediana do questionário "Sport Coach Decision Style"	40
Figura 7 - Média e Mediana do questionário "Coach Profile Questionnaire" - Recém-Licenciados.....	41
Figura 8 - Média e Mediana do questionário "Coach Profile Questionnaire" - Treinadores.....	41
Figura 9 - Média e Mediana do questionário "Sport Coach Decision Style" - Recém-licenciados.....	42
Figura 10 - Média e Mediana do questionário "Sport Coach Decision Style" - Treinadores.....	43

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Estágios de evolução do desporto adaptado (adaptado de Dunn, 1980)	7
Tabela 2 - UC de tronco comum de 1º semestre	14
Tabela 3 - UC de tronco comum de 2º semestre	14
Tabela 4 - UC de tronco comum de 3º semestre	15
Tabela 5 - UC de tronco comum de 4º semestre	15
Tabela 6 - UC de tronco comum de 5º semestre	16
Tabela 7 - UC de tronco comum de 6º semestre	16
Tabela 8 - UC de especialização de 3º semestre	17
Tabela 9 - UC de especialização de 4º semestre	17
Tabela 10 - UC de especialização de 5º semestre	17
Tabela 11 - UC de especialização de 6º semestre	18
Tabela 12 - UC de especialização de 3º semestre - competências	18
Tabela 13 - UC de especialização de 4º semestre - competências	19
Tabela 14 - UC de especialização de 5º semestre - competências	19
Tabela 15 - UC de especialização de Projeto e Intervenção Prática 1 de 5º semestre - objetivos	20
Tabela 16 - UC de especialização de Projeto e Intervenção Prática 2 de 6º semestre - objetivos	21
17 - Definição dos modelos de treinador: Perfil (Adaptado de Ibáñez, 1997).....	28
Tabela 18 - Definições dos modelos de treinador: Decisão (Adaptado de Ibáñez, 1997).....	30
Tabela 19 - Estatística descritiva e análise de fiabilidade do questionário "Coach Profile Questionnaire".	38
Tabela 20 - Estatística descritiva e análise de fiabilidade do questionário "Sport Coach Decision Style".	39
Tabela 21 - Média e desvio-padrão do questionário "Coach Profile Questionnaire", em função da situação profissional atual.	40
Tabela 22 - Média e desvio-padrão do questionário "Sport Coach Decision Style", em função da situação profissional atual.	42
Tabela 23 - Média e desvio-padrão do questionário "Coach Profile Questionnaire", em função da situação profissional atual e género.	43

Tabela 24 - Média e desvio-padrão do questionário "Sport Coach Decision Style", em função da situação profissional atual e gênero.	44
Tabela 25 - Média e desvio-padrão do questionário "Coach Profile Questionnaire" dos recém-licenciados, em função do ano de conclusão do grau de licenciatura.	45
Tabela 26 - Média e desvio-padrão do questionário "Sport Coach Decision Style" dos recém-licenciados, em função do ano de conclusão do grau de licenciatura.	47
Tabela 27 - Média e desvio-padrão do questionário "Coach Profile Questionnaire" dos treinadores, em função dos anos de experiência.	48
Tabela 28 - Média e desvio-padrão do questionário "Sport Coach Decision Style" dos treinadores, em função dos anos de experiência.	50
Tabela 29 - Nível de significância das comparações em função do gênero, no perfil de treinador dos recém-licenciados	51
Tabela 30 - Nível de significância das comparações em função dos anos de conclusão de licenciatura, no perfil de treinador dos recém-licenciados	52
Tabela 31 - Nível de significância das comparações em função do gênero, no perfil de treinador dos treinadores de desporto adaptado	53
Tabela 32 - Nível de significância das comparações em função dos anos de experiência, no perfil de treinador dos treinadores de desporto adaptado.....	54
Tabela 33 - Nível de significância das comparações em função do gênero, no estilo de tomada de decisão dos recém-licenciados.....	54
Tabela 34 - Nível de significância das comparações em função dos anos de conclusão de licenciatura, no estilo de tomada de decisão de treinador dos recém-licenciados.....	55
Tabela 35 - Nível de significância das comparações em função do gênero, no estilo de tomada de decisão de treinador dos treinadores de desporto adaptado ..	56
Tabela 36 - Nível de significância das comparações em função dos anos de experiência, no estilo de tomada de decisão de treinador dos treinadores de desporto adaptado.....	56
Tabela 37 - Nível de significância das comparações em função dos Recém-licenciados e Treinadores de desporto adaptado, no perfil de treinador.	57
Tabela 38 - Nível de significância das comparações em função dos Recém-licenciados e Treinadores de desporto adaptado, no estilo de tomada de decisão do treinador	58

Lista de abreviaturas

AMA – Atividade Motora Adaptada

ANDDEMOT – Associação Nacional de Desporto para Deficientes Motores

ANDDI-Portugal – Associação Nacional de Desporto para a Deficiência Intelectual

ANDDVIS – Associação Nacional de Desporto Para Deficientes Visuais

CPQ – Coach Profile Questionnaire

DA – Desportos Adaptados

DP – Desvio-padrão

FPDD – Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência

IPCB – Instituto Politécnico de Castelo Branco

KS – Kolmogorov-Smirnov

LPDS – Liga Portuguesa de Desporto para Surdos

M – Média

NEE – Necessidades Educativas Especiais

OMS – Organização Mundial de Saúde

OT – Orientação Tutorial

PC-AND – Paralisia Cerebral – Associação Nacional de Desporto

PL – Prático e Laboratorial

S – Seminário

SCDS – Sport Coach Decision Style

SO – Special Olympics

SOP – Special Olympics Portugal

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

T – Teórico

TP – Teórico-Prático

UC – Unidade Curricular

Introdução Geral

Introdução

Ao longo da história, os indivíduos com deficiência têm vindo a conquistar o espaço que merecem na sociedade, como seres humanos de plenos direitos. Esta população tem adquirido direito à educação, ao trabalho, ao lazer e também o direito à prática desportiva. No entanto, esta população tem-se deparado com várias barreiras, impostas pela sociedade na qual está inserida, bem como sujeita a atitudes discriminatórias e segregadoras.

Segundo a bibliografia, uma das grandes dificuldades no desporto adaptado é a falta de conhecimentos dos profissionais para atender adequadamente às necessidades específicas dessas pessoas, o que é um constrangimento à sua participação em atividades desportivas (Elinder et al., 2010; Moran & Block, 2010; Roberto et. al., 2011) e a presença do treinador, marca toda a conduta naqueles que são treinados, pois intervém diretamente no desempenho do atleta (Samulski et al., 1998).

No desporto adaptado, os treinadores têm de adquirir conhecimentos no que toca aos fatores contextuais, como a acessibilidade das instalações, as condicionantes relativas ao transporte de atletas com deficiência e a relação/comunicação com os seus cuidadores (Cregan et al., 2007).

A realização desta investigação pretende promover a compreensão tanto do perfil como do estilo de tomada de decisão de treinadores de desporto adaptado, mas também de recém-licenciados especializados na área, permitindo-nos complementarmente realizar uma análise em função do género.

A amostra foi agrupada em duas categorias consoante a situação profissional ao longo do período em análise:

- Recém-licenciados em desporto adaptado: Estudantes cuja conclusão da licenciatura em desporto e atividade física no *minor* de desporto para pessoas com deficiência foi nos anos letivos de 2017/2018, 2018/2019 e 2019/2020 com estágios curriculares realizados na área do desporto adaptado independentemente da modalidade e deficiência com que estagiou.

- Treinadores de desporto adaptado: Treinadores que desempenham funções ao longo do período analisado no desporto adaptado em instituições participantes no programa Special Olympics, independentemente das modalidades e deficiências com que trabalham ou trabalharam.

A questão das competências profissionais necessárias para a formação de treinadores, sobretudo de atletas sem deficiência, tem reivindicado a atenção dos pesquisadores (Jones et al., 2004; Abraham et al., 2006; Demers et al., 2006), sendo, no entanto, muito escassa a investigação dessa natureza no âmbito do desporto adaptado (Duarte & Culver, 2014). Tal facto pressupõe que o tema continua a ser atual e pertinente, sendo expectável que o presente estudo possa vir a auxiliar os

dirigentes desportivos, treinadores e recém-licenciados na área do desporto adaptado para a questão central que norteou a escolha do tema, a razão de ser da formação dos estudantes na área do desporto adaptado.

O estudo encontra-se dividido em três partes. Uma primeira parte, correspondente à revisão da literatura onde começamos por abordar o desporto adaptado com uma breve resenha histórica, o papel do treinador no desporto, o estilo de tomada de decisão no desporto, o papel de treinador no desporto adaptado e por fim, realizamos uma abordagem à formação dos estudantes no ensino superior no desporto adaptado no Instituto Politécnico de Castelo Branco, na Licenciatura de Desporto e Atividade Física – *minor* de desporto para pessoas com deficiência.

A segunda parte corresponde ao capítulo da organização e planificação do estudo onde começamos por apresentar a problemática do mesmo, objetivos e hipóteses de investigação, bem como a identificação das suas variáveis dependentes e independentes. Neste mesmo capítulo apresentamos ainda os processos metodológicos onde identificamos aspetos fundamentais, como a caracterização da amostra realizada; os procedimentos para recolha de dados, bem como os instrumentos e procedimentos estatísticos utilizados.

Por último, apresentamos na terceira parte do estudo e última, os nossos resultados através da análise descritiva e inferencial dos dados com a posterior discussão dos resultados e apresentação das principais conclusões do estudo. Apresentamos ainda as referências bibliográficas utilizadas nas três partes da investigação.

Capítulo 1: Revisão da literatura

1. Desporto adaptado

O Desporto Adaptado engloba todas as modalidades desportivas que se adaptam a um grupo de pessoas com algum tipo de incapacidade ou condição especial, consistindo em experiências desportivas (Dias, 2007) que foram modificadas ou criadas para irem ao encontro das necessidades de cada indivíduo com deficiência (Cardoso, Palma & Zanella, 2010). Por deficiência entende-se uma perda ou anormalidade da função psicológica, fisiológica ou anatómica, temporária ou permanente, incluindo a ocorrência de uma anomalia, defeito ou perda de um membro, órgão ou tecido, ou qualquer outra estrutura do corpo, inclusive das funções mentais, levando o indivíduo a apresentar dificuldades específicas e suscetíveis de limitar ou dificultar a atividade e a participação em condições de igualdade com as demais pessoas em conjugação com os fatores ambientais (OMS, 2004).

O universo desportivo em que se entroncam as crianças, os jovens e os adultos com as várias deficiências, constitui um espaço privilegiado de afirmação das potencialidades de processos vitoriosos de aceitação e de inclusão que esta população aspira (Castro et al., 2001) com efeitos sociais, fisiológicos e psicológicos convertendo indivíduos inaptos a dedicarem-se a atividades desportivas em condições normais (Potter, 1975). Deve-se então utilizar o potencial do desporto para favorecer a inclusão social, a integração e a igualdade de oportunidades (Comissão Europeia, 2007).

Segundo Vitorino et al. (2015):

Ao nível da intervenção, a identificação da deficiência e consequente orientação e encaminhamento devem decorrer de um diagnóstico precoce de carácter multidisciplinar. Por outro lado, a não existência de grupos homogéneos nas pessoas com deficiência, exigem a definição de respostas específicas que vão ao encontro das suas necessidades diferenciadas e identificáveis e, por conseguinte, com base nas potencialidades e habilidades pessoais. A intervenção diária com esta população deve ter como principal objetivo o desenvolvimento máximo das suas capacidades e aptidões, qualidades individuais, de forma a adaptar-se às exigências da vida quotidiana inerentes à sociedade em que está inserida. Neste contexto, o movimento, enquanto componente fortemente reeducativa, terapêutica e de reabilitação,

foi alvo de grande desenvolvimento e implementação no século XX, o que implicou a proliferação de diferentes perspetivas e metodologias de trabalho, dado que as atividades de carácter desportivo, lúdico, cultural e social têm um papel de extrema importância no processo de reabilitação de pessoas com deficiência, como modo de evitar o seu isolamento e possíveis atitudes antissociais. (p. 2)

Neste contexto, faz sentido abordar uma breve resenha histórica para que se entenda a importância ao longo dos tempos. Afirma-se como o grande marco as grandes guerras mundiais e as suas consequências nos soldados. Segundo Louro (2001), o desporto para deficientes surgiu no começo do século XX, com atividades desportivas para jovens com deficiências auditivas. Mais tarde, em 1920 iniciaram-se atividades como a natação e atletismo para deficientes visuais. O resultado dessa calamidade social, que foi a 2ª Guerra Mundial, traduziu – se num número muito elevado de feridos, cujo tratamento e reabilitação se fez através do desporto. Mais concretamente, foi em 1944 que o desporto para pessoas com deficiência nasceu através do médico neurologista Ludwin Guttman, no hospital de Stoke Mandeville, a pedido do governo britânico com a intenção de reinserção social e de amenizar problemas de ordem psicológica (Varela, 1991; Cunha et al., 2000.). Foi então neste hospital que se registaram os primeiros jogos nacionais em 1948, adotando-se, assim, uma vertente competitiva, de rendimento. Dado o sucesso do método implantado por Ludwig Guttman no mundo inteiro, organizou-se em 1952 os Jogos internacionais de Mandeville e fruto de um maior crescimento ainda do desporto adaptada foi criada a Organização Internacional de Desporto para Pessoas com Deficiência.

Em Portugal, o desporto adaptado não se desenvolveu ao mesmo ritmo do panorama internacional, tendo a sua origem na guerra colonial, em hospitais de reabilitação, nomeadamente, no centro de reabilitação de Alcoitão através da ocupação de tempos livres com atividades desportivas (Louro, 2001). Em 1979 é formada uma comissão de trabalho com vista à elaboração dos estatutos da Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com deficiência (FPDD), que viria a ser fundada em 1988. A FPDD tem ao seu cargo a organização de competições desportivas a nível nacional, a coordenação, preparação e participação de atletas paralímpicos em eventos internacionais reconhecendo assim cinco Associações Nacionais de Desporto por Deficiência: a Associação Nacional de Desporto para Deficientes Visuais (ANDDVIS), a Associação Nacional de Desporto para a Deficiência Intelectual (ANDDI-Portugal), a Liga Portuguesa de Desporto para Surdos (LPDS), a Paralisia Cerebral Associação Nacional de Desporto (PC-AND), e a Associação Nacional de Desporto para a Deficiência Motora (ANDDEMOT) (FPDD, 2012).

Podemos concluir, tal como mostra a tabela nº1 que o desporto adaptado sofreu uma evolução em quatro estágios:

Tabela 1 - Estágios de evolução do desporto adaptado (adaptado de Dunn, 1980)

Desporto como terapia	As experiências desportivas tinham como objetivo principal estimular em termos anátomo-fisiológicos os pacientes com deficiência.
Valor psicológico do desporto	A prática desportiva permite à pessoa com deficiência demonstrar à sociedade que deficiência não é sinónimo de invalidez pela junção do valor psicológico juntamente com o fisiológico.
Normalização	O desporto contribui para a integração social na prática de modalidades de pessoas com e sem deficiência.
Motivação para a prática desportiva	Motivação para a realização de boas performances em que estão implícitos o valor terapêutico, psicológico e o conceito de normalização.

A prática desportiva levada a cabo pela pessoa com deficiência sofreu efeitos ao longo da sua história. Primordialmente os efeitos da prática de desporto adaptado eram somente fisiológicos desenvolvendo a aptidão física geral e a saúde. Na sua evolução o valor psicológico juntou-se ao fisiológico, aumentando a comunicação que levou a história do desporto adaptado à fase de “normalização” em que se encontram os efeitos fisiológicos em conjunto com os psicológicos e sociais de melhoria da autonomia e integração social. Na última fase, encontram-se aliados aos efeitos anteriores, os terapêuticos e recreativos aliados às boas performances desportivas.

Na mesma linha de pensamento, Reis (2000) afirma que a história do desporto para pessoas com deficiência é de sucesso, que se desenvolveu rapidamente e que está em constante adaptação às modalidades existentes, ou a criar novas modalidades.

Por fim, a Lei nº 38/2004, de 18 de agosto – Lei das Bases da Prevenção e da Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência faz referência ao valor da prática desportiva para os cidadãos com deficiência, nomeadamente no que se refere ao desporto e à recreação como medida para a habilitação e reabilitação (artigo 25º). Tornando-se assim o desporto como um veículo para a pessoa com deficiência passar

do cidadão com deficiência ou algum tipo de incapacidade para a pessoa com capacidades e potencialidades.

2. O papel do treinador no desporto

No desporto, como nos negócios, são as pessoas que fazem a diferença. São elas que acrescentam valor, atribuem dinâmicas aos projetos e conferem sentido humano às organizações (Moraes, 2006). O desporto é uma atividade que obedece a uma estrutura perfeitamente definida por regras e dimensões técnicas e táticas, onde os treinadores têm um papel fundamental sobre os desportistas, uma vez que são considerados por estes como líderes e especialistas (Conroy & Coatsworth, 2006). O Decreto-lei nº 407/99, de 15 de outubro, enquadra a formação de treinadores no âmbito da formação profissional inserida no mercado de emprego e define os treinadores como:

Indivíduos que intervêm diretamente na realização de atividades desportivas, a quem se exige o domínio teórico-prático da respetiva área de intervenção e que conduzem o treino dos praticantes desportivos com vista a desenvolver condições para a prática e reconhecimento da modalidade ou otimizar o seu rendimento desportivo, independentemente da denominação que lhe seja habitualmente atribuída. (p. 6945)

Serpa (1998) realça a importância do treinador ao longo do processo da carreira do desportista, nomeadamente nas fases de iniciação, desenvolvimento e especialização, nas quais são diferentes os papéis que assumem.

Segundo Mendes (2009) “o treinador surge na fase de iniciação, como um verdadeiro animador da atividade do jovem. Os aspetos afetivos da interação surgem como predominantes.” (p. 16). Nesta fase “os técnicos não são necessariamente grandes especialistas, mas amam a atividade, interessam-se profundamente pelas crianças que orientam e cujo esforço valorizam em detrimento do resultado.” (Mendes, 2009, p. 16). Uma ideia básica no desporto infanto-juvenil de acordo com Lima (2000) é que “as crianças e os jovens devem ser o sujeito de todas as prioridades do desenvolvimento social, cultural e desportivo” (p. 18)

Segundo Mendes (2009) “O treinador de crianças e jovens deverá reunir um conjunto de competências em três grandes domínios: saber; saber fazer e saber fazer com que os outros façam” (p. 17), pois entende-se que a principal função do treinador segundo Pinheiro et al. (2012) é desafiar as potencialidades das crianças, encorajando-as a quererem ser cada vez melhores nunca esquecendo que ser treinador de jovens é procurar intervir positivamente na saúde daqueles que são objeto do nosso labor. Treinar adultos não é igual a treinar crianças, mesmo estando

elas já numa fase de desenvolvimento ou orientação. Salmela (1994, citado por Serpa, 1998) afirma que a fase de especialização, se encontram técnicos quase exclusivamente dedicados ao trabalho com jogadores de elite. Possuindo uma perspetiva global da atividade, são meticolosos e colocam um superior nível de exigência no processo de treino.” (Mendes, 2009, p. 21).

Ser treinador é dirigir um processo que se pretende educativo e formativo e que, enquanto tal, deve favorecer a valorização humana desde o jogo à alta competição; deve proporcionar a oportunidade de participar e progredir na prática desportiva a crianças, jovens e adultos (Lima, 2001).

O treino desportivo, como processo pedagógico completo, requer um treinador caracterizado por uma conduta de autossuperação e amor pela sua profissão, dotado de conhecimentos, convicções e habilidades profissionais, que permita enfrentar com sucesso o processo de ensino educacional e, em geral, a carga social atribuída (Arencibia et al., 2018). Segundo Côtê e Gilbert (2009), a efetividade da ação do treinador desportivo é conceituada como a aplicação consistente de conhecimentos profissionais, interpessoais e intrapessoais de forma integrada, no sentido de ampliar a competência, confiança, caráter e conexão de atletas/praticantes em contextos específicos.

Por fim, importa salientar que todas estas premissas são fulcrais para que o treinador consiga adaptar o processo e programa de treino, adequando ao grau de funcionalidade dos seus desportistas (MacDonald et al., 2015) e atinja o tipo de sucesso desportivo pretendido.

2.1. Perfil do treinador no desporto

Segundo Giménez (2003, citado por Moita, 2008) “o treinador deverá ter um perfil parecido com o de um maestro ou um educador, com formação técnica e pedagógica adequada e que oriente e facilite a formação motora, utilizando sempre uma metodologia que tenha em conta, sobretudo, o atleta” (p. 32). Nunes (2020), refere que durante o desenvolvimento profissional, os treinadores adotam diferentes perfis, tendo em conta o papel dos mesmos dentro da equipa. Estes diferentes perfis centram-se no: Tradicional, Tecnológico, Inovador, Colaborador, Dialogador e Crítico.

Os modelos de treinador em relação ao perfil referidos por Pires et al. (2021) adaptados de Ibáñez (1997) descrevem os diferentes perfis de treinador:

-Treinador tradicional transmite como prioridade, modelos de eficácia reconhecida, através de uma diretiva de estilo de ensino. Preferem um estilo de ensino sério e tenso, cujo ambiente de treino os jogadores conhecem o que devem fazer e os assistentes seguem instruções;

-Treinadores tecnológicos são descritos como os treinadores que baseiam as suas ações no estudo e controlo dos fatores que influenciam o seu desporto. Necessitam que os seus assistentes técnicos sejam peritos na medição e análise destes fatores e os seus jogadores devem estar dispostos a cooperar;

-Treinador inovador é caracterizado por uma formação inovadora de vários elementos e estratégias. Os mesmos experimentam introduzir alterações para procurar maior eficácia e preferem que os seus assistentes técnicos sugiram inovações para melhorar a formação, o que acarreta como consequência os atletas serem confundidos por tantas mudanças;

-Treinadores colaboradores preferem delegar funções a funcionários especializados em diferentes facetas, porque é difícil para eles ser um perito em todas as facetas de formação. Mantêm um clima de confiança com os seus jogadores e assistentes;

-Treinadores dialogadores tentam controlar através do diálogo todos os elementos que rodeiam a formação, os meios de comunicação social, gestão, assistentes técnicos e intervenientes para convencê-los do trabalho que está a ser realizado para que se promova um bom clima de treino;

- Por fim, o perfil de treinador crítico é descrito pelos autores como os treinadores que analisam, refletem e criticam o processo de formação que estão a desenvolver e são, portanto, não conformistas. Esta premissa conduz à criação de um clima tenso de trabalho.

Vários são os estudos que nos indicam que o perfil de treinador pode variar de acordo com os diferentes contextos desportivos. Assim, no estudo de López et al. (2018) os perfis mais valorizados foram os de treinador inovador, crítico e dialogador, resultados encontrados num estudo realizado a 76 treinadores de andebol através do questionário validado por Feu et al. (2007). É possível verificar um perfil diferente, o tecnológico, como o mais comum, na investigação realizada por Aranda et al. (2010) através da aplicação do questionário validado por Ibáñez (1996) e Feu (2006).

Constatamos que o treinador pode-se posicionar em vários perfis, inclusive pode evoluir consoante o contexto, a formação adquirida ou a experiência (Ibáñez & Feu, 2000; López-Muñiz et al., 2018; López-Muñiz et al., 2019, citados por Nunes, 2020).

2.2. Estilo de tomada de decisão no desporto

A tomada de decisão segundo Bazerman (2004) “deve assim ser guiada por uma lógica racional cujo modelo é baseado num conjunto de premissas que determinam como uma decisão deve ser tomada e não como a decisão é tomada” (p. 6). Na

sequência deste encadeamento de processos que conduz à tomada da decisão, Bazerman (2004), defende que:

Um processo racional de decisão subentende que o decisor seguiu seis fases de um modo totalmente racional, isto é, os tomadores de decisão definem o problema perfeitamente, identificam todos os critérios, ponderam acuradamente todos os critérios segundo suas preferências, conhecem todas as alternativas relevantes, avaliam acuradamente cada alternativa com base em cada critério e calculam as alternativas com precisão e escolhem a de maior valor percebido. (p. 5)

Assim, pode-se constatar que as decisões do treinador, sendo muitas vezes aleatórias e em função das próprias interpretações e atitudes, interferem profundamente na vida desportiva e pessoal dos desportistas que orientam, daí resultando consequências positivas ou negativas para estes. Fazem-no não só através das opções de gestão das situações de treino e competição, mas ainda das suas atitudes gerais no processo desportivo e, com grande impacto, nas suas formas de comunicação directa com o atleta. O processo de tomada de decisão, por ser um processo humano, complexo deve equacionar três fatores: a situação onde terá lugar, o indivíduo que vai tomar a decisão e a mesma propriamente dita (Alves & Araújo, 1996) para que a decisão seja um processo de identificação e resolução de problemas, multifacetado e onnipresente, nas organizações (Cunha & Rego, 2003).

De acordo com Nunes (2020) a partir das atitudes dos treinadores podemos estabelecer três tipos de modelos que são: autoritário, democrático e permissivo.

O comportamento do treinador autoritário, envolve uma tomada de decisão independente e com ênfase na autoridade pessoal (Chelladurai, 2007), é caracterizada por líderes que decidem, e colocam em prática ideias sem ter qualquer participação do grupo, determina as precauções para a execução das tarefas uma por vez, à medida que se tornam necessárias e de maneira imprevisível para o grupo (Dall'oglio et al., 2017)

O treinador democrático permite uma maior participação dos atletas nas decisões referentes aos objetivos do grupo, aos métodos utilizados e às táticas e estratégia de jogo (Chelladurai, 2007). As diretrizes são debatidas e decididas pelo líder. O próprio grupo esboça as medidas e técnicas para atingir o alvo, com aconselhamento técnico do líder, quando necessário. A divisão de tarefas fica ao critério do próprio grupo e

cada membro tem a liberdade de escolher os seus colegas de trabalho (Dall’oglio, et al., 2017).

O treinador permissivo caracteriza-se pela total liberdade dos liderados para a tomada de decisões grupais ou individuais. A participação deste líder é mínima, apresentando apenas alternativas variadas ao grupo, esclarecendo que pode fornecer informações desde que solicitado (Dall’oglio et al., 2017).

No estudo realizado por Vieira et al. (2016), que procuraram analisar os conhecimentos e as ações de liderança de vinte e quatro treinadores brasileiros de voleibol de alto rendimento, no contexto de treino através de entrevistas cuja análise dos resultados originou nove categorias sendo uma delas a tomada de decisão, foi possível concluir que grande parte dos treinadores declarou agir frequentemente de forma democrática, estando recetiva às opiniões dos atletas. No entanto, também se verificou uma certa alternância nas decisões assumidas, pois muitos treinadores podiam, por vezes, tomar decisões de forma autocrática, ou, em algumas ocasiões, não interferir nas ações dos atletas durante o treino. Estilo este também referenciado como o mais usual no estudo realizado com vinte e cinco treinadores dos principais clubes de judo em Portugal, realizado por Serpa (1990).

Por outro lado, Serpa et al. (1989) analisaram o estilo de decisão na visão dos próprios treinadores e concluíram que os treinadores de andebol de alto nível possuem uma preferência pelo estilo de decisão autoritário. Por fim, citado por Nunes (2020) num estudo mais recente, realizado por Urbano-Arévalo et al. (2020), com o objetivo de analisar o perfil autodefinido dos treinadores de futebol jovem, com uma amostra de 3 treinadores, foi possível verificar que os treinadores de A e B apresentavam uma tomada de decisão democrática enquanto o treinador C apresentava uma tomada de decisão permissiva.

Esta variação vai ao encontro das ideias de Buceta (2010), que sugere que os profissionais do treino devem possuir o conhecimento e a habilidade para utilizarem todos os estilos em função dos envolvidos e das circunstâncias. Esta mesma linha de raciocínio já havia sido apontada por Chelladurai et al. (1989) que esclarecem que o estilo de decisão dos treinadores carece de adaptar – se a uma série de variáveis situacionais, nunca devendo de deixar de partilhar responsabilidades com os seus atletas e aproximar – se da intenção de um ambiente de apoio.

3. O papel do treinador no desporto adaptado

Segundo Labronici (2000) citado por Pires et al. (2019) a prática de atividade física e desportiva para atletas com deficiência intelectual está associada à melhoria da autoestima, autodeterminação, auto percepção, assim como à procura de autonomia e integração social. Neste sentido, o treinador tem como função otimizar e maximizar as potencialidades da equipa ou desportista sobre uma vasta multiplicidade de aspetos e fatores (Cushion et al., 2003).

No caso dos treinadores de desporto adaptado estes conhecimentos tornam-se também essenciais, porém é fundamental serem considerados aspetos contextuais como: acessibilidades das instalações, adequação dos meios de transporte, montagem e manuseamento do material, entre outros. Neste contexto o papel de treinador tornou-se um fator preponderante na criação de mais conhecimento e desta forma melhorar a competência dos desportistas (Conroy & Coatsworth, 2006).

O direito das pessoas com deficiência à prática do desporto, tanto no alto rendimento, quanto nas atividades de lazer e no processo de reabilitação é pontual no crescimento do desporto paraolímpico e também do desporto adaptado de maneira geral (Costa e Silva et. al. 2013), mas a falta de conhecimentos específicos dos professores/treinadores tem sido uma das principais barreiras ao envolvimento de pessoas com deficiência em atividades físicas e desportivas (Audley, 2002; Rimmer et al. 2004; Elinder et al., 2010; Moran & Block, 2010; Roberto et al., 2011). Existe também uma falta de produção científica holística do papel de treinador de desporto adaptado (Lee & Porretta, 2013) o que torna imperativo um investimento técnico e científico na área do treino em desporto adaptado com o propósito de aumentar a eficácia e qualidade no treino (McMaster et al. 2012; Wareham et al., 2017).

A intervenção do treinador do desporto adaptado exige que este tenha conhecimentos específicos relativos às características inerentes às deficiências, pois disso advém imensas especificidades, dentre elas, a classificação desportiva, as regras, os equipamentos, ambiente acessível e as próprias modalidades (Silva, 2018). Torna-se importante para o treinador de desporto adaptado os conhecimentos básicos da modalidade, o assumir do desenvolvimento de habilidades físicas, técnicas, táticas e psicológicas tendo em conta a perceção de fatores motivacionais, mantendo sempre o espírito de liderança, para que se proporcione um clima positivo no treino e na oferta da prática desportiva para a pessoa com deficiência e para as pessoas à sua volta (Fletcher & Scott, 2010; Banack et al., 2011; Bastos & Martin, 2015; Twase et al., 2012; Martin, 2017; Reyes et al., 2019). Segundo Tawse et al. (2012) citados por Nunes (2020) para além do ambiente desportivo, treinadores que trabalham com pessoas com deficiência incentivam os atletas a evoluírem no âmbito educacional, profissional e na sua independência para a realização de atividades quotidianas.

4. Formação no ensino superior no desporto adaptado

Segundo Simão (1998) a formação do treinador deve assumir um carácter permanente e acompanhar a evolução dos conhecimentos e da própria ciência do treino, pois o trabalho do treinador desportivo exige uma preparação técnica, pedagógica e científica, adequadas. Motivo este que apoiou aquela que foi a escolha da amostra por ser possível comparar o perfil e estilo de tomada de decisão de quem intervém diretamente no terreno no âmbito do desporto adaptado e quem concluiu a

formação recentemente e que se declara pela instituição formadora como aptos para exercer funções no desporto para pessoas com deficiência.

Segundo Carvalho (2009) o desporto adaptado é uma plataforma para dar visibilidade às capacidades individuais dos atletas e não às suas dificuldades.

Neste contexto e como forma de dar resposta à problemática, a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, apresenta na sua oferta formativa de 1º Ciclo de Formação um curso de Licenciatura em Desporto e Atividade Física com seis semestres de duração e cujo plano de estudos é composto por duas especializações (*minor*) sendo uma delas em Desporto para Pessoas com Deficiência (Despacho n.º 5705/2019 de 14 de junho). A especialização do desporto para pessoas com deficiência, apresenta unidades curriculares comuns às duas especializações e unidades curriculares específicas da área.

As unidades curriculares (UC) de tronco comum da especialização do desporto para pessoas com deficiência estão expostas nas tabelas nº 1 à nº 6, como podemos ver de seguida. Estas UC surgem no 1º ano do curso.

Tabela 2 - UC de tronco comum de 1º semestre

1º ano			
1º semestre			
Unidades curriculares	Tempo de Trabalho Total (horas)	Tipologia das aulas e Horas de contacto	Número de créditos
Informática aplicada	135	TP: 45h	5
Língua Estrangeira	108	TP: 45h	4
Psicologia do Desenvolvimento	135	T:15h; TP:30h	5
Análise da Motricidade	135	T:45h; TP:15h; OT:2h	5
Anatomofisiologia	162	T:15h; TP:30h; PL:30h; OT:2h	6
Desporto 1	135	TP:90h	5

Tabela 3 - UC de tronco comum de 2º semestre

1º ano			
2º semestre			
Unidades	Tempo de	Tipologia das aulas	Número de créditos

curriculares	Trabalho Total (horas)	e Horas de contacto	
Estatística	135	TP:45h	5
Socioantropologia das atividades corporais	135	T:15h; TP:45h	5
Psicologia das atividades corporais	135	T:15h; TP:30h	5
Desenvolvimento Motor	135	T:30h; TP:15h; PL:15h; OT:2h	5
Fisiologia do Exercício	135	T:15h; TP:15h; PL:30h; OT:2h	5
Desporto 2	135	TP:90h	5

Tabela 4 - UC de tronco comum de 3º semestre

2º ano			
3º semestre			
Unidades curriculares	Tempo de Trabalho Total (horas)	Tipologia das aulas e Horas de contacto	Número de créditos
Avaliação da Condição Física	135	T15h; TP:15h; PL:30h; OT:2h	5
Desporto 3	135	TP:90h	5
Espaços e Equipamentos Desportivos	135	T:15h; TP:30h; OT:2h	5
Psicofisiologia	135	T:30h; TP:15h	5

Tabela 5 - UC de tronco comum de 4º semestre

2º ano			
4º semestre			
Unidades curriculares	Tempo de Trabalho Total (horas)	Tipologia das aulas e Horas de contacto	Número de créditos
Adaptação Funcional	135	T:15h; TP:15h;	5

e Prescrição do Exercício		PL:15h; OT:2h	
Controlo Motor e Aprendizagem	135	T:15h; TP:30h; PL:15h; OT:2h	5
Biomecânica	135	T:15h; TP:30h; PL:15h; OT:2h	5
Desporto 4	135	TP:90h	5
Pedagogia do Desporto	135	T:15h; TP:15h; PL:15h	5

Tabela 6 - UC de tronco comum de 5º semestre

3º ano			
5º semestre			
Unidades curriculares	Tempo de Trabalho Total (horas)	Tipologia das aulas e Horas de contacto	Número de créditos
Bases de Treino	135	TP:60h; OT:5h	5
Projetos e Eventos Desportivos	135	TP:60h; OT:5h	5

Tabela 7 - UC de tronco comum de 6º semestre

3º ano			
6º semestre			
Unidades curriculares	Tempo de Trabalho Total (horas)	Tipologia das aulas e Horas de contacto	Número de créditos
Traumatologia e Primeiros Socorros	135	T:15h; TP:30h; S:15h; OT:5h	5
U.C. de opção	108	-	4
Metodologia do Treino	162	T:15h; TP:45h; OT:15h	6

As unidades curriculares (UC) específicas da especialização do desporto para pessoas com deficiência estão expostas nas tabelas nº 7 à nº 10, como podemos ver de seguida. Estas UC só surgem nos 2º e 3º ano do curso. No último ano do curso o Projeto e Intervenção Prática 1 e 2 é realizado na área do desporto adaptado.

Tabela 8 - UC de especialização de 3º semestre

2º ano			
3º semestre			
Unidades curriculares	Tempo de Trabalho Total (horas)	Tipologia das aulas e Horas de contacto	Número de créditos
Necessidades Educativas Especiais	135	T:40h; TP:20h	5
Atividade Motora Adaptada	135	TP:60h	5

Tabela 9 - UC de especialização de 4º semestre

2º ano			
4º semestre			
Unidades curriculares	Tempo de Trabalho Total (horas)	Tipologia das aulas e Horas de contacto	Número de créditos
Desportos Adaptados	135	T:30h; TP:30h	5

Tabela 10 - UC de especialização de 5º semestre

3º ano			
5º semestre			
Unidades curriculares	Tempo de Trabalho Total (horas)	Tipologia das aulas e Horas de contacto	Número de créditos
Didática das Atividades Físicas Adaptadas	135	T:15h; PL:45h	5
Projeto e Intervenção Prática 1	405	OT:15h; E:120h; S:15h	15

Tabela 11 - UC de especialização de 6º semestre

3º ano			
6º semestre			
Unidades curriculares	Tempo de Trabalho Total (horas)	Tipologia das aulas e Horas de contacto	Número de créditos
Projeto e Intervenção Prática 2	405	OT:15h; E:120h; S:15h	15

As UC de especialização oferecem aos estudantes a produção, sistematização e conhecimentos oriundos de pesquisas aplicadas, no desporto adaptado por ser uma área da educação física, que permite aos estudantes adequar metodologias de ensino para atendimento às características de cada pessoa com deficiência, respeitando as diferenças individuais.

No âmbito escolar, a competência enfatiza a mobilização de recursos, conhecimentos ou saberes vivenciados. Manifesta-se na ação ajustada diante de situações complexas, imprevisíveis, mutuáveis e sempre singulares (Perrenoud, 2000, 2001, 2005; Boterf, 2003). O conceito de competência e a reflexão sobre o seu significado pedagógico assumem um papel de destaque na investigação em educação a nível nacional e internacional (Perrenoud, 1999; Comellas, 2000; Cruz, 2001; Gouveia, 2007). Uma abordagem por competências defende que o sujeito constrói os seus próprios saberes, numa interação afetiva que possibilita o aprender a aprender.

Apresenta-se seguidamente na tabela 12, 13 e 14 as competências a atingir pelos estudantes para cada uma das UC de especialização:

Tabela 12 - UC de especialização de 3º semestre - competências

2º ano	
3º semestre	
Unidades curriculares	Competências
Necessidades Educativas Especiais	• Conhece o conceito de inclusão; • Capacidade de identificar as características das NEE; • Conhece e caracteriza diferentes NEE; • Capacidade de identificar os tipos de serviços disponíveis

	para o atendimento a crianças com NEE;
	• Capacidade para conhecer a importância do trabalho em equipa com técnicos, outros profissionais de educação e os pais, no atendimento a crianças/jovens com NEE.
Atividade Motora Adaptada	• Conhece conceitos relacionados com a AMA e a sua evolução histórica; • Conhece as dimensões de adaptação da Atividade Motora; • Analisa e reflete sobre o papel do profissional em AMA; • Analisa a importância da Atividade Motora Adaptada no desenvolvimento psicomotor de crianças com condição de deficiência; • Desenvolve competências para a adaptação de novas situações, resolução de problemas e para a aprendizagem autónoma; • Conhece elementos que permitam a elaboração de um programa de atividades motoras adaptadas a uma população especial.

Tabela 13 - UC de especialização de 4º semestre - competências

2º ano	
4º semestre	
Unidades curriculares	Competências
Desportos Adaptados	• Conhece a terminologia, a evolução histórica e os conceitos na área dos Desportos Adaptados; • Analisa e reflete sobre o papel do profissional do DA; • Conhece a estrutura organizativa do DA; • Desenvolve competências para a intervenção e diferentes contextos (escolar, desportivo, alta competição, promoção de saúde e lazer) e com diferentes tipologias.

Tabela 14 - UC de especialização de 5º semestre - competências

3º ano	
5º semestre	
Unidades	Competências

curriculares

**Didática das
Atividades Físicas
Adaptadas**

- Adquirir conhecimentos, competências e habilidades no âmbito da didática das atividades físicas adaptadas que permitam preparar e conduzir situações de ensino, ou refletindo sobre ele, no sentido de cada vez melhor, poder utilizar estas atividades como meio privilegiado de desenvolvimento, de educação das qualidades motoras essenciais;
 - Conhecer os diferentes aspetos relacionados com a mais atual metodologia de ensino, naquilo que se refere à preparação e condução do seu processo;
 - Conhecer as variáveis a favorecer no ensino das atividades físicas;
 - Identificar as características de um ensino eficaz;
 - Praticar o ensino;
 - Refletir sobre o processo de ensino, sobre os dados provenientes da sua condução ou da observação dele efetuada.
-

Na UC de Projeto e Intervenção Prática 1 e 2, concretamente, os estudantes têm a oportunidade de efetuar o seu primeiro contacto com o contexto profissional, sendo incluídos em locais de estágio onde têm de efetuar a sua intervenção prática com pessoas com deficiência. Têm a responsabilidade de planificar e desenvolver a atividade sob orientação dos professores supervisores e em coresponsabilização com os profissionais da atividade físico-desportiva das instituições. Esta prática em contexto real permite assim aos estudantes, antes da conclusão da licenciatura, criar um perfil profissional que será fundamental para se inserirem no mercado de trabalho na área do desporto adaptado, onde devem potencializar as capacidades dos atletas, contribuindo para a construção de um desporto de todos e para todos. Para muitos dos estudantes, a experiência oferecida pelo estágio curricular é uma experiência única no contexto real de trabalho e é fundamental para que o aluno possa ter uma perceção do que realmente vai ser a sua profissão de futuro e daquilo que lhe é exigido, tal como Oliveira (2009) defende: “Durante os estágios os estudantes estreitam a sua relação com o mercado de trabalho e embora possam ter alguma experiência anterior, os estágios são reconhecidos como o momento em que o trabalho e a profissão vinculam.” (p. 354).

Apresentam-se de seguida as tabelas 15 e 16, com os objetivos referentes às UC de Projeto e Intervenção Prática I e II, da especialização:

Tabela 15 - UC de especialização de Projeto e Intervenção Prática 1 de 5º semestre - objetivos

3º ano	
5º semestre	
Unidades curriculares	Objetivos
Projeto e Intervenção Prática 1	• Caraterizar os espaços de desporto e atividade física numa perspetiva ecológica (pessoal, social e organizacional); • Observar dinâmicas específicas do desporto e atividade física nos diferentes locais de prática; • Integrar-se progressivamente nas dinâmicas de planificação, intervenção e avaliação em situações de ensino-aprendizagem na área do desporto e atividade física. • Integrar-se progressivamente nas atividades de dinamização dos locais de prática físico-desportiva, desenvolvendo diferentes formas de intervenção. • Planificar e desenvolver a atividade sob orientação dos professores supervisores e em coresponsabilização com os profissionais da atividade físico-desportiva das instituições. Avaliar, em coresponsabilização com os profissionais da atividade físico-desportiva das instituições, o desenvolvimento e a aprendizagem dos praticantes. Refletir sobre a prática numa atitude de auto e hétero-formação. • Elaborar um relatório de estágio justificado e crítico sobre o trabalho realizado.

Tabela 16 - UC de especialização de Projeto e Intervenção Prática 2 de 6º semestre - objetivos

3º ano	
6º semestre	
Unidades curriculares	Objetivos
Projeto e Intervenção Prática 2	• Observar dinâmicas específicas nos diferentes locais de prática. • Integrar-se progressivamente nas dinâmicas de planificação, intervenção e avaliação em situações de ensino-aprendizagem. • Integrar-se progressivamente nas atividades dos locais

de prática, desenvolvendo diferentes formas de intervenção.

- Planificar e desenvolver a atividade sob orientação dos professores supervisores das instituições.
 - Avaliar, em coresponsabilização com os profissionais o desenvolvimento e a aprendizagem dos praticantes.
 - Aplicar os conteúdos teóricos adquiridos na prática.
 - Adquirir habilidades de condução de grupos de praticantes.
 - Refletir sobre a prática numa atitude crítica, discriminando os possíveis desvios entre o previsto e o executado.
 - Desenvolver uma atitude de permanente investigação na sua atividade.
 - Desenvolver uma postura profissional orientada por valores deontológicos e para a formação contínua e especializada.
 - Elaborar um Relatório justificado e crítico sobre o trabalho realizado.
-

O Instituto Politécnico de Castelo Branco clarifica, no seu site (link de acesso: <https://www.ipcb.pt/esecb/ensino/licenciatura-em-desporto-e-atividade-fisica>), como objetivos gerais para os licenciados:

- Saber aplicar de forma crítica os conhecimentos em Ciências do Desporto e a capacidade de compreensão adquiridos, de forma a evidenciar uma abordagem profissional ao trabalho desenvolvida em cada uma das áreas de especialidade.
- Capacidade de resolução de problemas no âmbito do Desporto e Atividade Física e fundamentação da sua própria argumentação.
- Capacidade de compreensão de forma crítica dos métodos de recolha, análise e interpretação da informação apropriada à atividade física e desporto.
- Competências que permitam comunicar informação, ideias, problemas e soluções, tanto a públicos constituídos por especialistas como por não especialistas.
- Compreender a necessidade de abordagens multi e interdisciplinares para o estudo dos serviços, investigação e profissões do desporto.

- Compreender os conteúdos, através da prática reflexiva, académica e profissional.
- Capacidade de compreensão e consciência crítica das questões morais, éticas, estéticas, ecológicas e legais que sustentam as boas práticas.

As saídas profissionais para os licenciados com a especialização de desporto adaptado, também publicadas online (link de acesso: <https://www.ipcb.pt/esecb/ensino/licenciatura-em-desporto-e-atividade-fisica>), são as seguintes:

- Intervenção relacionada com a atividade física e desportiva de pessoas com deficiência nos contextos mais diferenciados;
- Técnicos em instituições de acolhimento de pessoas com NEE;
- Gestores de atividades e organizadores de eventos desportivos;
- Técnicos em contextos de atividade física orientada para o lazer, a recreação e o bem-estar das populações;
- Jovens, idosos e com deficiência, seja ao ar livre seja em academias ou clubes de saúde.

Segundo alguns estudos (McMaster et al., 2012; Tawse et al., 2012) os autores salientam que no desporto adaptado a oportunidade de formação para profissionais nesta área é muito reduzida, apenas restrita muitas vezes a livros e workshops, pelo que a existência de um curso de licenciatura único no país nesta área é um excelente contributo para a formação de profissionais em desporto adaptado. Para além do referido anteriormente sobre a falta de conhecimentos específicos que se tornam uma barreira à evolução do desporto adaptado, é possível concluir que os estudantes com a formação superior concluída no Instituto Politécnico de Castelo Branco têm acesso à componente pedagógica e específica essencial que lhes permitirá desenvolver a profissão de técnico de desporto adaptado.

Capítulo 2: Organização e planificação do estudo

1. Introdução

O presente capítulo apresenta o problema e objetivos do estudo, formulam-se as hipóteses a que o estudo pretende dar resposta e identificamos as variáveis em análise do estudo.

2. Problemática

A problemática da nossa investigação, centrou-se na necessidade de conhecer: *Que perfil e estilo de decisão predominam tanto nos treinadores de desporto adaptado como nos recém-licenciados na área?*

3. Objetivos da investigação

Com o intuito de dar resposta à problemática apresentada os objetivos centraram-se em:

- Caraterizar o perfil de treinador, dos recém-licenciados na área do desporto adaptado.
- Caraterizar o perfil dos treinadores de desporto adaptado com experiência no terreno.
- Caraterizar o estilo de tomada de decisão enquanto treinador, dos recém-licenciados na área do desporto adaptado.
- Caraterizar o estilo de tomada de decisão dos treinadores de desporto adaptado com experiência no terreno.
- Comparar o perfil dos treinadores de desporto adaptado com experiência no terreno com os recém-licenciados na área do desporto adaptado.
- Comparar o estilo de tomada de decisão do treinador de desporto adaptado com experiência no terreno com os recém-licenciados na área do desporto adaptado.

4. Hipóteses

Equacionaram-se as seguintes hipóteses relativas ao estudo, tomando em consideração os contributos teóricos e empíricos revistos anteriormente:

Hipótese 1: Não existem diferenças significativas em função do género, no perfil de treinador dos recém-licenciados.

Hipótese 2: Não existem diferenças significativas em função dos anos de conclusão de licenciatura, no perfil de treinador dos recém-licenciados.

Hipótese 3: Não existem diferenças significativas em função do gênero, no perfil de treinador dos treinadores de desporto adaptado.

Hipótese 4: Existem diferenças significativas em função dos anos de experiência, no perfil de treinador dos treinadores de desporto adaptado

Hipótese 5: Não existem diferenças significativas em função do gênero, no estilo de tomada de decisão dos recém-licenciados.

Hipótese 6: Não existem diferenças significativas em função dos anos de conclusão de licenciatura, no estilo de tomada de decisão dos recém-licenciados.

Hipótese 7: Não existem diferenças significativas em função do gênero, no estilo de tomada de decisão dos treinadores de desporto adaptado.

Hipótese 8: Existem diferenças significativas no estilo de tomada de decisão, em função dos anos de experiência, dos treinadores de desporto adaptado.

Hipótese 9: Não existem diferenças significativas no perfil de treinador entre os treinadores de desporto adaptado com experiência no terreno e recém-licenciados na área.

Hipótese 10: Não Existem diferenças significativas no estilo de tomada de decisão de treinador entre os treinadores de desporto adaptado com experiência no terreno e recém-licenciados na área.

4.1 Fundamentação das Hipóteses

No presente ponto procuramos sustentar a formulação das nossas hipóteses. Utilizamos, portanto, pequenos excertos da revisão teórica que associámos às hipóteses.

Em todas as hipóteses estão presentes como variável independente a situação profissional atual de recém-licenciado e treinador de desporto adaptado. As instituições responsáveis pela formação de treinadores enfrentam o desafio de preparar os futuros profissionais para a vida ativa, tornando-os capazes de ultrapassar obstáculos, de se adaptar às mudanças, enfim, de responder, de forma positiva, aos desafios que se colocam ao exercício profissional (Silva, 2014). Neste âmbito, o estágio curricular, constitui uma das etapas mais importantes na vida académica dos alunos de licenciatura e, cumprindo as exigências constitui-se como uma proposta de estágio supervisionado com objetivos de oferecer oportunidade ao aluno da observação, pesquisa, planeamento, execução e avaliação de diferentes atividades numa aproximação da teoria académica com a prática (Tardif, 2022). Esta valorização pode ajudar a diminuir o fosso entre cursos de formação e a realidade do contexto de treino (Knowles et al., 2005). Por isso em todas as hipóteses formuladas, incluindo a hipótese 9 e 10, não se assume diferenciação entre as duas situações profissionais analisadas, pois o IPCB declara como aptos os estudantes que

concluíram a licenciatura em Desporto e Atividade Física com estágio curricular realizado como experiência, a exercer a profissão de treinador de desporto adaptado.

Com incidência nas hipóteses 1, 3, 5 e 7 formuladas para verificar as diferenças significativas de variáveis em função do género, Nunes (2020) revelou que não existem diferenças estatisticamente significativas no estudo realizado de comparação em função do género, do grau de formação, tipologia de planificação, perfil de treinador e tomada de decisão, numa amostra de treinadores portugueses de desporto adaptado.

Estudos afirmam que os perfis não devem considerar-se puros ou rígidos (Gamonales et al., 2019), devido ao treinador poder-se posicionar em vários perfis, inclusive pode evoluir consoante o contexto, a formação adquirida ou a experiência (Ibáñez & Feu, 2000; López-Muñoz et al., 2018; LópezMuñoz et al., 2019). Salientando a evolução do perfil, em função da formação adquirida, referenciada na bibliografia, formulou-se a hipótese 2, uma vez que todos os recém-licenciados da amostra têm a mesma formação. Salientando a evolução do perfil, em função da experiência, formulou-se a hipótese 4, uma vez que há diferenciação de anos e contextos de experiência entre os treinadores pertencentes à amostra.

Segundo Nunes (2020) no estudo de Avaliação dos fatores de mediação da tipologia da planificação e perfil de treinador, exercidas entre o grau de formação e tomada de decisão numa amostra de treinadores portugueses de desporto adaptado verificou-se que o grau de formação académica dos treinadores tem influência em relação ao processo de tomada de decisão. Dado que a formação realizada pelos recém-licenciados pertencentes à amostra é idêntica, formulou-se a hipótese 6.

A qualidade da decisão é obviamente influenciada pela qualidade da informação preceptiva recebida, mas também pelo conhecimento do executante do contexto e as expectativas baseadas em experiências passadas (Abernethy et al., 1998). Uma vez que a tomada de decisão é realizada com base em experiências do treinador, formulou-se a hipótese 8.

5. Variáveis do estudo

A pesquisa foi enriquecida com a introdução de algumas variáveis que melhor permitirão aprofundar a abordagem do assunto por nos favorecerem a estudar a comparação entre o perfil de treinador de desporto adaptado e o estilo de tomada de decisão, entre treinadores com experiência no terreno e recém-licenciados.

As variáveis do presente estudo distinguem-se entre independentes e dependentes. Segundo Petrica (2003) a variável independente é o fator que selecionamos para determinar a sua relação para com o fenómeno observado. É a variável independente porque interessa conhecer o seu efeito sobre outras variáveis, as dependentes, fatores que observamos e que medimos para determinar aquele

efeito. As variáveis dependentes do estudo foram definidas através dos instrumentos de recolha de dados utilizados e concebidos por Feu et al. (2007) e Feu, Ibáñez e Gozalo (2010).

- **Independentes:**

- ✓ Género: Variável categórica quanto ao dimorfismo sexual masculino e feminino.

- ✓ Experiência: Variável categórica associada às vivências dos treinadores com experiência de mais de 11 anos, entre 8 e 9 anos, entre 6 e 7 anos, entre 4 e 5 anos, entre 2 e 3 anos e sem experiência na área do desporto adaptado independentemente da modalidade e deficiência em que desenvolve o seu contexto profissional.

- ✓ Anos de conclusão de licenciatura: Variável categórica associada às vivências de formação dos recém-licenciados com conclusão de licenciatura nos anos letivos de 2017/2018, 2018/2019, 2019/2020 e 2020/2021 no IPCB, na área do desporto adaptado.

- ✓ Situação profissional atual:

Recém-licenciado: Estudantes cuja conclusão da licenciatura em desporto e atividade física no minor de desporto para pessoas com deficiência foi no IPCB, com estágios curriculares realizados na área do desporto adaptado independentemente da modalidade e deficiência com que estagiou.

Treinadores de desporto adaptado: Treinadores com experiência no desporto adaptado institucionalizado do programa Special Olympics, independentemente da modalidade e deficiências com que trabalhou.

- **Dependentes:**

- ✓ Perfil do treinador: na tabela 17 apresentam-se os diferentes modelos de treinador.

Tabela 17 - Definição dos modelos de treinador: Perfil (Adaptado de Ibáñez, 1997a)

Treinador Tradicional	Treinadores que transmitem, como prioridade, modelos de eficácia reconhecida, através de uma diretiva de estilo de ensino. Preferem um estilo de ensino sério e tenso com atmosfera de treino onde os jogadores conhecem o que eles devem fazer e os seus assistentes seguem as suas instruções.
------------------------------	--

Treinador Tecnológico	Treinadores que procuram a eficácia dos métodos e sistemas, baseando as suas ações no estudo e controlo dos fatores que influenciam o seu desporto, apoiando-se nos recursos tecnológicos como instrumento de trabalho. Precisam que os seus assistentes técnicos sejam peritos na medição e análise dos fatores e os seus jogadores estejam dispostos a cooperar.
Treinador Inovador	Treinadores caracterizados por uma formação inovadora de estratégias e elementos. Experimentam introduzir alterações para procurar maior eficácia, geralmente realizada numa forma autodidata, explorando, experimentando e testando a eficácia das suas teorias.
Treinador Colaborador	Treinadores que preferem delegar funções a funcionários especializados em diferentes facetas, porque é difícil para ele ser um perito em todas. Mantêm um clima de confiança, de reflexão e comunicação para com atletas e assistentes que são frequentemente os intermediários entre o treinador principal e atletas. Prezam o trabalho em grupo.
Treinador Dialogador	Treinadores que tentam controlar através do diálogo todos os elementos que rodeiam a formação, os meios de comunicação social, gestão, assistentes técnicos e intervenientes para convencê-los que o trabalho está a ser feito, promovendo um bom clima de formação e influenciando todos eles para obter resultados.
Treinador Crítico	Treinadores que analisam, refletem e criticam o processo de formação que

estão a desenvolver e são, portanto, não conformistas. Esta premissa conduz à criação de um clima tenso no seu trabalho devido à procura individual de soluções através de uma atitude crítica em relação às diferentes situações que o desporto lhe apresenta.

✓ Estilo de Tomada de Decisão: na tabela 18 apresentam-se os diferentes estilos de decisão de acordo com os modelos de treinador.

Tabela 18 - Definições dos modelos de treinador: Decisão (Adaptado de Ibáñez, 1997b)

Treinador Autoritário	Treinadores que estabelecem pessoalmente os objetivos a atingir. Tomam pessoalmente todas as decisões no processo de formação e decisões sobre controlo e disciplina. O atleta tem de fazer exatamente o que o treinador tem delineado.
Treinador Democrático	Treinadores que utilizam o consenso com os jogadores sobre os objetivos a alcançar. Contam com a opinião dos jogadores ao tomar decisões. Envolvem os jogadores no estabelecimento de regras para o controlo da disciplina. Permite aos jogadores expressarem a sua opinião.
Treinador Permissivo	Treinadores que deixam os jogadores estabeleçam os seus próprios objetivos. Os jogadores tomam as suas próprias decisões sobre as estratégias a seguir. Os treinadores não discutem ou repreendem os jogadores para que eles se possam dar bem com todos. Permitem que os jogadores façam o que lhe apetece.

6. Metodologia

Analisando a descrição do estudo, relativamente à tipologia classifica-se como um estudo quantitativo de carácter descritivo. Segundo Knechtel (2014), este tipo de pesquisa é uma modalidade que atua sobre um problema humano ou social sendo baseada no teste de uma teoria e composta por variáveis quantificadas em números, as quais são analisadas de modo estatístico, com o objetivo de determinar se as generalizações previstas na teoria se sustentam ou não. Quanto à dinâmica é estática, porque tem como finalidade construir e contribuir para o alargamento do corpo de conhecimento, quanto à dimensão direcionada para a população e por fim quanto à perspectiva é transversal, dado que o estudo permite um determinado fenómeno, num determinado momento segundo Saunders et al. (2012). Serão aplicados questionários aos treinadores de desporto adaptado e aos recém-licenciados em desporto e atividade física do *minor* de desporto para pessoas com deficiência.

6.1 Caraterização da amostra

A nossa amostra é caraterizada por ser parte de uma população que foi selecionada a partir de alguns critérios por nós estabelecidos (Prodanov & Freitas, 2013). Como critérios de inclusão, os participantes tinham de ser treinadores participantes no S.O.P. com experiência mínima de três anos e recém-licenciados na Licenciatura de Desporto e Atividade Física – *minor* de desporto para pessoas com deficiência do IPCB, com anos de conclusão do grau de licenciado entre 2017 e 2021.

Participaram neste estudo 47 sujeitos (N=47), 16 recém-licenciados e os restantes 31 são treinadores. Dos recém-licenciados 31,3% (N=5) são do género masculino e 68,8% (N=11) são género feminino. Nos treinadores 32,3% (N=10) são do género feminino e 67,7% (N=21) do género masculino. No gráfico 1, apresentado a seguir, estão representados o número de treinadores e recém-licenciados por género, onde podemos verificar que o número de recém-licenciados do género feminino no desporto adaptado é maior comparado ao género masculino ao contrário do que acontece com os treinadores com experiência na área, cuja frequência absoluta do género feminino é maior. Na totalidade da amostra, como poder ser visível no gráfico, o género masculino tem mais participantes, independentemente da sua situação profissional atual na área do desporto adaptado.

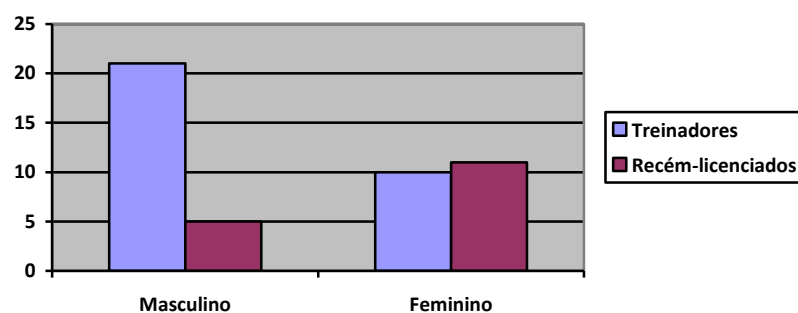


Figura 1 - Frequências absolutas do gênero

Os recém-licenciados tem uma idade compreendida entre 21 e 25 anos ($M=23,7$; $DP=0,89$) enquanto os treinadores com experiência no desporto adaptado compreendem uma idade entre 23 e 60 anos ($M=40.65$; $DP=10,19$).

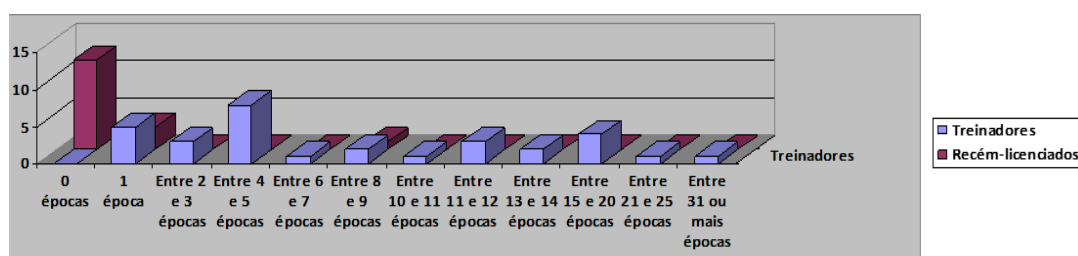


Figura 2- Frequência absoluta dos anos de experiência

Relativamente aos anos de experiência (Gráfico 2) dos treinadores da nossa amostra, podemos verificar que o valor modal se centra entre 4 e 5 anos de experiência ($N=8$; 25,8%). Verificamos ainda que 16,1% tem um ano de experiência no desporto adaptado, 9,7% entre 2 e 3 épocas, entre 11 e 12 épocas com percentagem igual e entre 15 e 20 épocas com 12,9%. Os valores de percentagem mais baixos centram-se entre 6 e 7 épocas com 3,2%, entre 8 e 9 épocas com 6,5%, entre 10 e 11 épocas com 3,2% entre 13 e 14 épocas com 6,5%, entre 21 e 25 épocas com 3,2% e entre 31 ou mais com percentagem igual à anteriormente referida. Os recém-licenciados, tem um valor modal de zero anos de experiência ($N=12$; 75%), seguido de uma época de experiência com 18,8% ($N=3$) e por fim entre 8 e 9 anos de experiência com 6,3% ($N=1$).

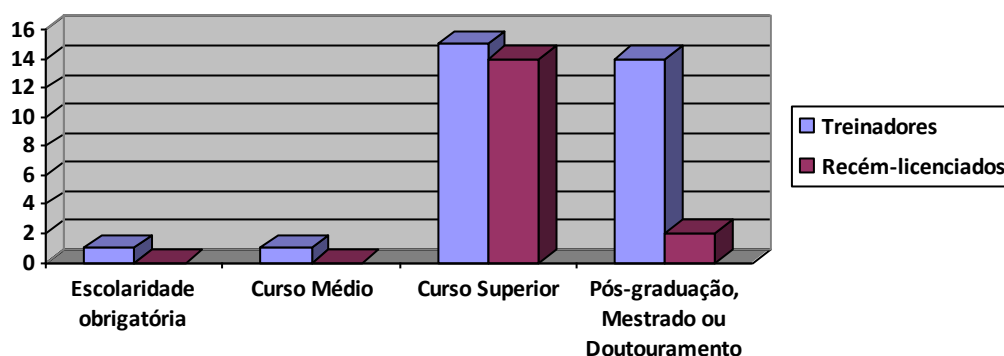


Figura 3- Frequências absolutas do grau de formação

Por fim, no que diz respeito ao grau de formação, os treinadores com experiência no terreno (Gráfico 3) têm na sua maioria um curso superior de licenciatura com 48,4% (N=15) seguido de Pós-Graduação, Mestrado ou Doutouramento com 45,2% (N=14) e por fim com uma percentagem igual de 3,2% (N=1) temos um treinador com curso médio e outro somente com a escolaridade obrigatória. Os recém-licenciados tem um valor modal de 87,5% (N=14) seguido de 12,5% com o grau de mestre adquirido (N=2). Apresenta-se o gráfico 3 em que se pode constatar tanto nos treinadores com experiência do terreno como nos recém-licenciados que o grau académico mais comum em ambas as situações profissionais atuais no desporto adaptado é o de licenciatura. Todos os participantes da amostra têm um grau de formação que os especializa em desporto adaptado com exceção de três treinadores com experiência no terreno, sendo que um têm um grau de licenciatura em animação sociocultural, outro com um curso médio e por fim, um último somente com a escolaridade obrigatória.

6.2 Procedimentos para a recolha de dados

O procedimento de recolha de dados iniciou-se pelos treinadores com experiência na área do desporto adaptado. O primeiro momento de distribuição de questionários aconteceu no V Encontro de Desporto Adaptado de Castelo Branco, onde os treinadores foram informados tanto do objetivo do estudo como dos procedimentos éticos. Os questionários foram também posteriormente distribuídos nos VI Jogos Adaptados de Desportos Adaptados – Cova da Beira.

Em seguida foi realizado um formulário no *Google Forms*, por ser um meio de recolha de dados que permite facilitar o contacto com os recém-licenciados de desporto adaptado dado o estado pandémico e a sua localização diferenciada após a conclusão da licenciatura para que seja possível conseguir reunir uma maior dimensão da amostra.

O tratamento será feito a partir do programa de análise estatístico Statistical Package for a Social Sciences (SPSS 22.0) onde serão inseridos e analisados os dados. Inicialmente será realizada a estatística descritiva, de forma a caracterizar a amostra onde iremos obter valores absolutos, percentuais, média, desvio padrão, média, mediana, valores mínimos e máximos, posteriormente vamos realizar uma análise inferencial, sendo que o primeiro pressuposto a se verificar neste tipo de estatística é o teste de normalidade, no sentido de optarmos por provas paramétricas ou não paramétricas, para a realização da análise inferencial.

6.3 Instrumentos para a recolha de dados

A(s) “ferramentas(s)” que utilizamos na investigação devem ser consideradas de grande importância, pois é a partir delas que iremos obter os dados que nos possibilitam investigar sobre a problemática em questão (Oliveira et al., 2016). Para esse efeito, na investigação selecionamos os seguintes questionários como instrumentos de recolha de dados:

- **Coach Profile Questionnaire (CPQ):** Este questionário validado por Feu, Ibáñez, Graça e Sampaio (2007) determina as concepções do treinador sobre o seu processo de formação. Assim estabelece 6 perfis do treinador para representar as suas orientações no processo de treino, sendo estes: treinador tradicional; treinador tecnológico, treinador inovador; treinador colaborador, treinador dialogador e treinador crítico (Ibáñez, 1996). Neste contexto o perfil é definido pelos seguintes parâmetros: filosofia do treinador; estilo do treino; os meios de treino e os recursos materiais; o clima do treino; a relação com os auxiliares técnicos e a relação com os jogadores. Em termos formais, o instrumento é constituído por 46 itens aferido através de uma escala de Likert de 11 pontos, que estabelece como valor mínimo 0 (discorda totalmente) e máximo de 100 (concorda totalmente).

- **Sport Coach Decision Style (SCDS):** O questionário referido, é composto por 15 itens e organiza-se em 5 dimensões: decisão dos objetivos; decisão no treino; decisão na disciplina; e decisão no desenvolvimento das atividades dos jogadores e auxiliares técnicos. Todas estas dimensões resultam na definição de 3 perfis de treinadores: permissivo; democrático e autoritário. O instrumento concebido por Feu, Ibáñez e Gozalo (2010), avalia a tomada de decisão dos treinadores através de uma escala de Likert de 11 pontos, que estabelece como valor mínimo 0 (discorda totalmente) e máximo de 100 (concorda totalmente).

6.4 Protocolo de tratamento de escalas

O questionário Coach Profile Questionnaire permite a determinação de 6 perfis, que são calculados pelas médias aritméticas dos scores dos itens:

- Tradicional (7,8,10,13,14,15,40);

- Crítico (1,5,6,18,20,30,36,37);
- Dialogador (2,12,16,24,25,26,38,46);
- Inovador (4,11,19,21,27,34,43,44);
- Tecnológico (3,17,22,23,28,35,42,46);
- Colaborador (9,29,31,32,33,39,41).

Em relação ao questionário Sport Coach Decision Style possibilita a determinação de 3 estilos de decisão, que são calculados pelas médias aritméticas dos scores dos itens:

- Autoritário (4,7,9,10,11);
- Democrático (1,3,12);
- Permissivo (2,5,6,8).

6.5 Procedimentos Estatísticos

O tratamento estatístico dos dados foi realizado com recurso ao programa informático SPSS (versão 22.0), onde serão inseridos e analisados os dados. Após a seriação dos dados recorreremos aos valores dos Alfas de Cronbach de cada dimensão do questionário de forma a determinarmos a consistência interna, que segundo Domínguez-Lara e Merino-Soto (2015), pode ser entendida como uma propriedade das pontuações de um teste, que consequentemente tem um impacto importante sobre a precisão dos resultados obtidos por um instrumento. A fiabilidade pode ser assim definida como o grau com que as mediações estão isentas de erros relatórios.

Afirma-se assim, uma maior robustez à pesquisa realizada acerca do perfil e estilo de tomada de decisão no treinador de desporto adaptado, pois segundo Richardson (1989), se um investigador não conhece a confiabilidade dos seus dados, podem surgir muitas dúvidas acerca dos resultados obtidos e das conclusões que se extraem. Hayes (1998) definiu a confiabilidade como o grau em que o resultado medido reflete o resultado verdadeiro, ou seja, quanto uma medida está livre de variância de erros aleatórios.

O valor mínimo aceitável de fiabilidade para o alfa é 0.7, abaixo desse valor a consistência interna da escala utilizada é considerada baixa. Em contrapartida, o valor máximo esperado é 0.9, acima desse valor pode-se considerar que há redundância ou duplicação, ou seja, vários itens estão medindo exatamente o mesmo elemento de um construto, portanto os itens redundantes devem ser eliminados. Usualmente, são preferidos valores de alfa entre 0.8 e 0.9 (Streiner, 2003).

O valor de alfa é afetado pelo número de itens que compõe uma escala. À medida que se aumenta o número de itens, aumenta-se a variância e da mesma maneira deve-

se considerar que o valor do alfa de Cronbach pode ser superestimado, caso não seja considerado o tamanho da amostra, pois quando mais indivíduos, maior é a variância esperada (Krus & Helmstadter, 1993; Bland & Altman, 1997).

Autor	Condição	α considerado aceitável
Davis, 1964, p. 24	Previsão individual	Acima de 0.75
	Previsão para grupos de 25-50 indivíduos	Acima de 0.5
Kaplan & Sacuzzo, 1982, p. 106	Investigação fundamental	0.7-0.8
	Investigação aplicada	0.95
Murphy & Davidsholder, 1988, p. 89	Fiabilidade inaceitável	<0.6
	Fiabilidade baixa	0.7
	Fiabilidade moderada a elevada	0.8-0.9
	Fiabilidade Elevada	>0.9
Nunnally, 1978, p. 245-246	Investigação preliminar	0.7
	Investigação fundamental	0.8
	Investigação aplicada	0.9-0.95

Figura 4 - Critérios de recomendação de Fiabilidade estimada pelo alfa de Cronbach (adaptado de Peterson, 1994)

Seguidamente, analisamos as variáveis categóricas através da análise descritiva em que se obteve os valores absolutos, percentuais relativos e absolutos, média, desvio padrão, mediana e valores mínimos e máximos. A estatística descritiva pode ser considerada como o conjunto de técnicas apropriadas para recolher, organizar, reduzir e apresentar dados estatísticos (Afonso & Nunes, 2019). Na mesma linha de pensamento, Hout (2002) define a estatística descritiva como o “conjunto das técnicas e das regras que resumem a informação recolhida sobre uma amostra ou uma população, e isso sem distorção nem perda de informação” (p. 60).

Para a análise inferencial procedemos à aplicação da Prova de Kolmogorov Smirnov para averiguação da normalidade dos dados. Todos as variáveis cujos dados cumprem o suposto de normalidade vão ser tratados com provas paramétricas, ao invés das variáveis cujos dados não cumprem esse suposto vão ser tratados com provas não paramétricas (Cubo-Delgado et al., 2012). Assim, aceitamos o princípio da aleatoriedade, normalidade e de homogeneidade sempre que o nível de significância (p) for maior que 0,05 (nível de confiança).

Para a comparação de variáveis com duas categorizações apenas (ex: género) utilizaremos a prova paramétrica Teste t para amostras independentes quando o suposto de normalidade é cumprido, e teste U Mann Whitney quando o suposto de normalidade não é cumprido. Para a comparação de variáveis com três ou mais categorizações (ex: anos de experiência) utilizaremos a prova paramétrica Anova unifatorial quando o suposto de normalidade é cumprido, e teste Kruskal Wallis quando o suposto de normalidade não é cumprido.

Capítulo 3: Apresentação e Discussão de resultados

1. Introdução

Neste capítulo apresentaremos todos os dados recolhidos durante a investigação, recorrendo à análise da estatística descritiva e inferencial das variáveis em estudo tendo em conta a média, desvio padrão e valores mínimos e máximos, referentes à totalidade da amostra.

2. Análise de resultados

2.1. Análise Descritiva

Nas tabelas e figuras seguintes podemos verificar uma caracterização geral dos resultados, relativamente às variáveis avaliadas, onde se apresentam os valores mínimos, máximos, médios, desvio padrão, valores de Alfa de Cronbach e ainda os respetivos valores do teste de normalidade Kolmogorov Smirnov.

Ao analisarmos os resultados do teste Kolmogorov Smirnov podemos constatar que existem variáveis com distribuição não normal.

Podemos ainda verificar, através dos Alfa de Cronbach, como ferramenta estatística que quantifica numa escala de 0 a 1, a confiabilidade dos questionários utilizados na investigação e se os mesmos apresentam valores confiáveis, superiores a 0.7 (Streiner, 2003).

A tabela 19 e figura 5 que se seguem apresentam os valores relativos ao questionário *“Coach Profile Questionnaire”*.

Tabela 19 - Estatística descritiva e análise de fiabilidade do questionário "Coach Profile Questionnaire".

	Alfa	Amplitude	Min.	Máx.	Média	D.P.	KS
Tradicional	0.81	0-100	16.67	93.33	67.31	17.54	0.2
Crítico	0.70	0-100	65	100	84.47	9.55	0.08*
Dialogador	0.82	0-100	51.25	100	82.08	11.87	0.04*
Inovador	0.84	0-100	67.50	100	85.90	9.41	0.15
Tecnológico	0.88	0-100	55	100	80.93	11.85	0.2
Colaborador	0.85	0-100	28	100	84.94	13.36	0.17

* O valor da prova de Kolmogorov-Smirnov não cumpre o suposto de normalidade

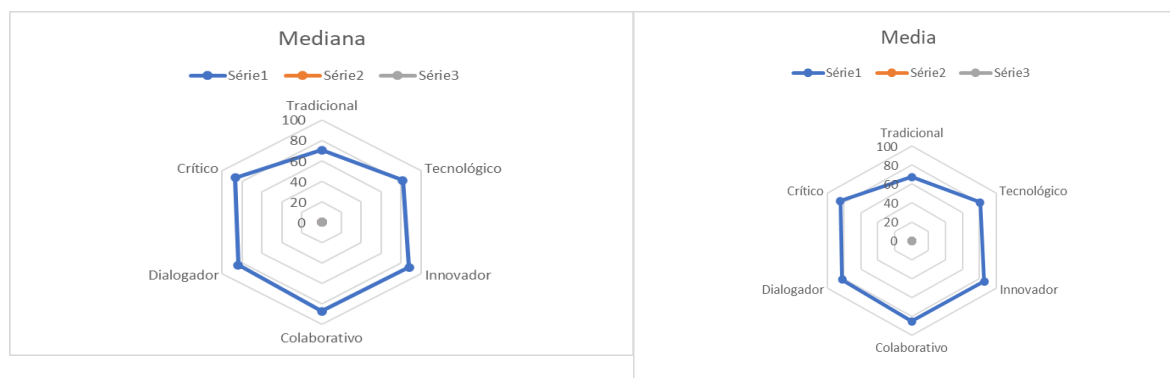


Figura 5 - Média e Mediana do questionário "Coach Profile Questionnaire"

Em relação à consistência interna do questionário, verifica-se uma fiabilidade considerada alta. Pode-se constatar em relação aos valores obtidos que o mais alto de média foi o perfil "Inovador" ($M=85.90$; $DP=9.41$), seguido pelo perfil "Colaborador" ($M=84.94$; $DP=13.36$), depois pelos perfis "Crítico" ($M=84.47$; $DP=9.55$), "Dialogador" ($M=82.08$; $DP=11.87$), "Tecnológico" ($M=80.93$; $DP=11.85$) e por fim com o valor menor apresenta-se o perfil "Tradicional" ($M=67.31$; $DP=17.54$).

Todas as variáveis cumprem assim o suposto da normalidade, exceto o perfil "Dialogador", pois apresenta um valor inferior a 0,05, no teste de KS.

Tabela 20 - Estatística descritiva e análise de fiabilidade do questionário "Sport Coach Decision Style".

	Alfa	Amplitude	Min.	Máx.	Média	D.P.	KS
Autoritário	0.830	0-100	0	100	58,51	24,42	0,01*
Democrático	0,70	0-100	46,67	100	83,97	12,58	0,004*
Permissivo	0,767	0-100	0	100	45,73	20,87	0,2

* O valor da prova de Kolmogorov-Smirnov não cumpre o suposto de normalidade

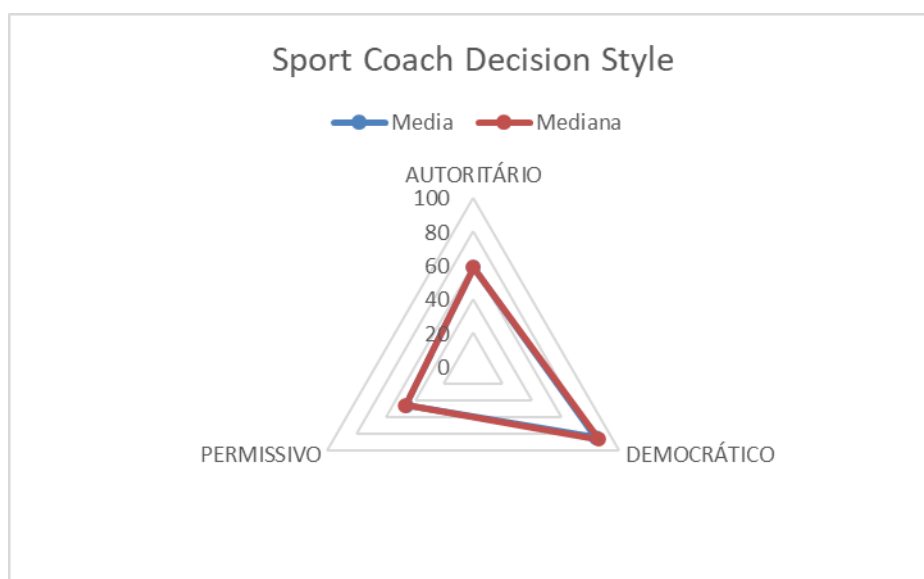


Figura 6 - Média e Mediana do questionário "Sport Coach Decision Style"

Na tabela 20 e figura 6 verificamos a estatística descritiva e análise da fiabilidade do questionário "*Sport Coach Decision Style*". O questionário apresenta uma fiabilidade alta à semelhança do questionário anteriormente analisado ($>0,7$). Segundo as médias de cada dimensão do questionário, podemos observar que a variável com a média mais alta é a do perfil "Democrático" ($M=83.97$; $DP=12.58$), depois a variável do perfil "Autoritário" ($M=58.51$; $DP=24.42$) e por fim, com a média mais baixa, o perfil "Permissivo" ($M=45.73$; $DP=20.87$).

Os valores de KS permitem-nos interpretar que apenas os dados da variável permissivo cumprem o suposto de normalidade, ao contrário da variável autoritário e democrático.

Seguidamente iremos descrever os resultados das variáveis em estudo, em relação às duas situações profissionais analisadas de recém-licenciados e treinadores em desporto adaptado.

Tabela 21 - Média e desvio-padrão do questionário "Coach Profile Questionnaire", em função da situação profissional atual.

	Recém-licenciados		Treinadores	
	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão
Tradicional	65.83	18.8	68.07	17.12
Crítico	86.46	8.62	83.43	9.99

Dialogador	82.27	13.97	81.98	10.89
Inovador	88.83	8.75	84.39	9.51
Tecnológico	86.25	9.59	78.19	12.1
Colaborador	89.87	8.9	82.39	14.61

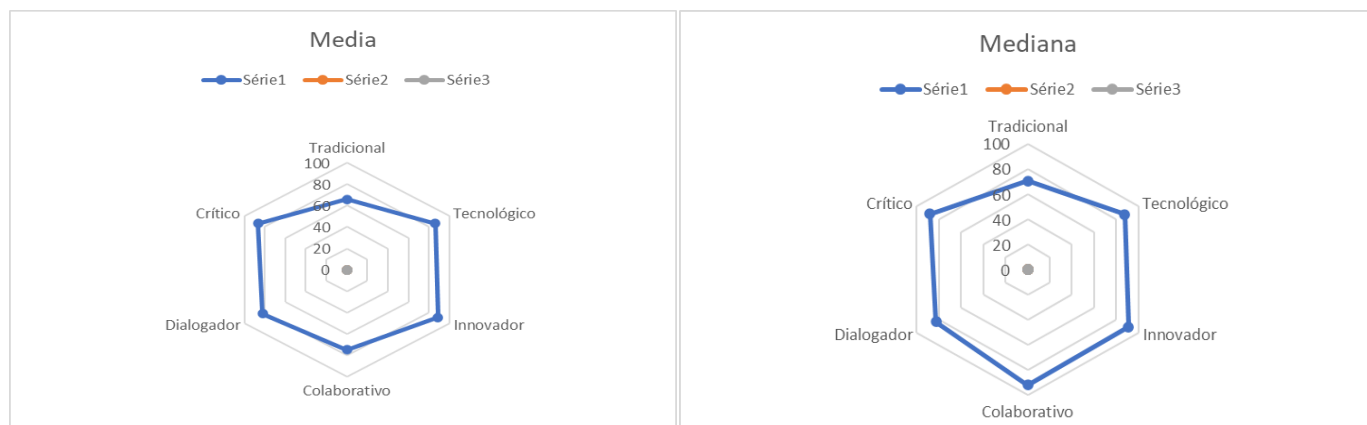


Figura 7 - Média e Mediana do questionário "Coach Profile Questionnaire" - Recém-Licenciados

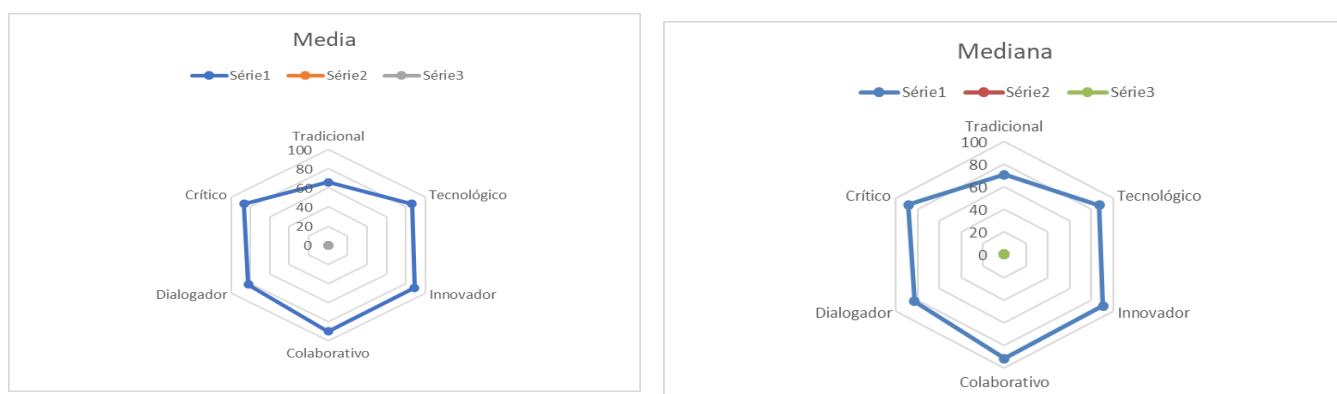


Figura 8 - Média e Mediana do questionário "Coach Profile Questionnaire" - Treinadores

Ao realizarmos a análise dos dados apresentados pela tabela 21 e figura 7 podemos verificar que os recém-licenciados apresentam valores mais elevados no perfil "Colaborador" ($M=89.87$; $DP=8.7$), de seguida no perfil "Inovador" ($M=88.83$; $DP=8.75$), perfil "Crítico" ($M=86.46$; $DP=8.62$), perfil "Tecnológico" ($M=86.25$; $DP=9.59$), perfil "Dialogador" ($M=82.27$; $DP=13.97$) e por fim, o valor mais baixo no perfil "Tradicional" ($M=65.83$; $DP=18.8$).

Os valores dos perfis na situação profissional de treinador (tabela 21 e figura 8) apresentam o mais elevado no perfil "Inovador" ($M=84.39$; $DP=9.51$), seguido do perfil "Crítico" ($M=83.43$; $DP=9.99$), perfil "Colaborador" ($M=82.39$; $DP=14.61$), perfil

“Dialogador” ($M=81.98$; $DP=10.89$), perfil “Tecnológico” ($M=78.19$; $DP=12.1$) e por fim, tal como nos recém-licenciados, o perfil “Tradicional” ($M=68.07$; $DP=17.12$).

Os recém-licenciados apresentam valores mais elevados de média em todos os perfis analisados no questionário em comparação com os treinadores com experiência, com a exceção no perfil “Tradicional” em que o valor da média é mais elevado na última situação profissional referida.

Tabela 22 - Média e desvio-padrão do questionário "Sport Coach Decision Style", em função da situação profissional atual.

	Recém-licenciados		Treinadores	
	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão
Autoritário	53.33	23.57	61.18	24.8
Democrático	86.25	11.01	82.8	13.36
Permissivo	50.16	18.63	43.44	21.87



Figura 9 - Média e Mediana do questionário "Sport Coach Decision Style" - Recém-licenciados

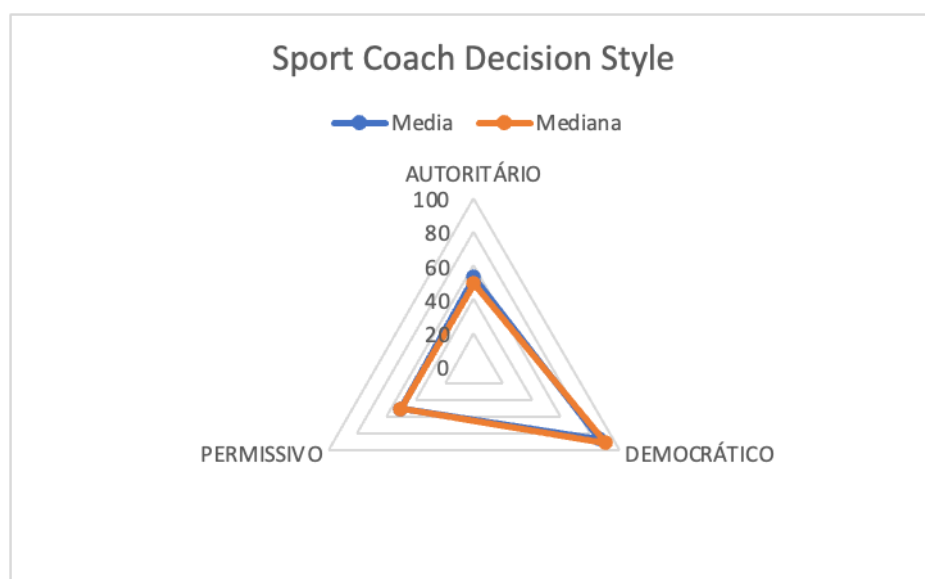


Figura 10 - Média e Mediana do questionário "Sport Coach Decision Style" - Treinadores

Na tabela 22, figuras 9 e 10 apresentamos os resultados relativos à estatística descritiva do questionário "*Sport Coach Decision Style*", com a divisão da amostra por situação profissional. Podemos constatar que tanto nos recém-licenciados como nos treinadores o valor mais alto incide no perfil "Democrático" (respetivamente $M=86.25$; $DP=11.01$ e $M=82.8$; $DP=13.36$), seguidamente aparece o perfil "Autoritário" (respetivamente $M=53.33$; $DP=23.57$ e $M=61.18$; $DP=24.8$) e por fim com o valor mais baixo o perfil "Permissivo" ($M=50.16$; $DP=18.63$ e $M=43.44$; $DP=21.87$ respetivamente).

Os perfis "Democrático" e "Autoritário" apresentam assim valores de média mais elevados nas duas situações profissionais.

Seguidamente iremos descrever os resultados das variáveis em estudo, em relação ao género, tanto na situação profissional de recém-licenciados como de treinadores com experiência (tabelas 23 e 24).

Os perfis analisados indicam valores médios que nos permitem efetuar a comparação de géneros entre as mesmas situações profissionais e a comparação destas mesmas situações entre os diferentes géneros.

Tabela 23 - Média e desvio-padrão do questionário "Coach Profile Questionnaire", em função da situação profissional atual e género.

Masculino		Feminino	
Recém-Licenciado	Treinador	Recém-Licenciado	Treinador

Tradicional	61.33±21.93	69.67±18.26	67.88±17.97	64.67±14.76
Crítico	89.67±6.17	84.36±9.26	85±9.43	81.5±11.65
Dialogador	83.25±13.85	82.26±11.91	81.82±14.67	81.37±8.89
Inovador	90±7.24	84.17±8.89	88.3±9.66	84.87±11.2
Tecnológico	92.25±6.58	78.04±11.36	83.52±9.71	78.5±14.21
Colaborador	93.2±6.42	82.86±15.24	88.35±9.71	81.4±13.92

No “Coach Profile Questionnaire”, o género masculino apresenta valores médios mais elevados, relativamente a quase todos os perfis analisados, na situação profissional de recém-licenciado, à exceção do perfil “Tradicional” que indica na tabela, um maior valor de média no grupo de treinadores ($M=69,67$; $DP=18,26$). O perfil “Colaborador” ($M=93,2$; $DP=6,42$) e “Crítico” ($M=84,36$; $DP=9,26$) são os perfis com maiores valores de média na situação profissional de recém-licenciado e treinador, respetivamente. Por outro lado, o perfil “Tradicional” tem o menor valor de média tanto na situação profissional de recém-licenciado ($M=61,33$; $DP=21,93$) como de treinador com experiência ($M=69,67$; $DP=18,26$).

O género feminino apresenta valores de média superiores em todos os perfis analisados na situação profissional de recém-licenciadas em comparação às treinadoras com experiência. O perfil “Colaborador” ($M=88,35$; $DP=9,71$) apresenta o maior valor de média na situação profissional de recém-licenciada e o perfil “Inovador” ($M=84,87$; $DP=11,2$) destaca-se nas treinadoras com experiência. O menor valor é apresentado no perfil “Tradicional” na situação profissional de recém-licenciadas ($M=67,88$; $DP=17,97$) e de treinadoras com experiência ($M=64,67$; $DP=14,76$).

Na situação profissional de recém-licenciado pode-se constatar, então, um maior valor de média no perfil “Colaborador”, em ambos os géneros. O perfil “Tradicional” apresenta um maior valor de média nas recém-licenciadas em comparação ao género masculino que, por outro lado, apresenta maiores valores nos restantes perfis analisados do questionário. Os treinadores com experiência, no género masculino, apresentam valores superiores no perfil “Inovador” e “Tecnológico” em comparação ao feminino que apresenta os valores superiores nos restantes perfis.

Tabela 24 - Média e desvio-padrão do questionário “Sport Coach Decision Style”, em função da situação profissional atual e género.

Masculino		Feminino	
Recém-Licenciado	Treinador	Recém-Licenciado	Treinador

Autoritário	46.67±24.04	61.27±25.9	56.36±23.86	61±23.68
Democrático	86±12.11	82.06±13.92	86.36±11.1	84.33±12.58
Permissivo	50.5±17.27	42.02±20.63	50±20.03	46.42±25.2

Da análise à tabela 24, constatamos que no “Sport Coach Decision Style”, o género masculino apresenta valores superiores no perfil “Democrático” nas duas situações profissionais (Recém-licenciados: $M=86$; $DP=12.11$ e Treinadores: $M=82.06$; $DP=13.92$). Para os valores mais baixos já se verifica disparidade nas duas situações profissionais, pois enquanto para os Recém-Licenciados se destaca o perfil “Autoritário” ($M=46.67$; $DP=24.04$), para os Treinadores destaca-se o perfil “Permissivo” ($M=42.02$; $DP=20.63$). Nos valores intermédios para as duas situações profissionais também não se verifica concordância nos tipos de perfis, pois para os recém-Licenciados temos o perfil “Permissivo” ($M=50.5$; $DP=17.27$) e para os Treinadores o perfil “Autoritário” ($M=61.27$; $DP=25.9$).

Quanto ao género feminino, à semelhança do masculino, o perfil “Democrático” é aquele que apresenta valores superiores nas duas situações profissionais (Recém-licenciado: $M=86.36$; $DP=11.1$ e Treinador: $M=84.33$; $DP=12.58$). O perfil “Permissivo” é aquele que apresenta valores mais baixos para as duas situações profissionais (Recém-licenciado: $M=50$; $DP=20.03$ Treinador: $M=46.42$; $DP=25.2$) e o perfil “Autoritário” aquele que apresenta valores intermédios na situação profissional de recém-licenciada ($M=56.36$; $DP=23.86$) e de treinadora com experiência ($M=61$; $DP=23.68$).

Quando comparamos entre géneros, verificamos que o perfil “Permissivo” apresenta valores superiores de média no género masculino ($M=50$; $DP=20.03$) em comparação ao feminino ($M=46.42$; $DP=25.2$), ao contrário do que acontece no perfil “Autoritário” e “Democrático” na situação profissional de recém-licenciados. Na situação de treinador com experiência, o perfil “Autoritário” apresenta um maior valor no género masculino, ao contrário dos restantes dois perfis que apresentam os valores superiores no género feminino.

Nas tabelas 25 e 26 analisamos a média e desvio-padrão das variáveis em estudo no “Coach Profile Questionnaire” e “Sport Coach Decision Style”, em função do ano de conclusão da licenciatura dos recém-licenciados, no Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Tabela 25 - Média e desvio-padrão do questionário “Coach Profile Questionnaire” dos recém-licenciados, em função do ano de conclusão do grau de licenciatura.

	2017	2018	2019	2020	2021
Tradicional	60±28.48	70.83±18.13	62.67±16.7	40±0	78.89±8.89

Crítico	88.33±10.41	87.08±8.95	81.67±10.2	85±0	92.22±2.55
Dialogador	79.58±18.22	87.19±9.76	75.5±18.45	81,25±0	90±6.61
Inovador	87.08±11.34	88.75±9.13	86.25±11.1	95±0	92.92±3.15
Tecnológico	89.17±10.63	89.37±9.49	79.75±9.62	88,75±0	89.17±10.1
Colaborativo	90±12.49	93±6.63	88±11.92	92±0	88±7.21

De acordo com a tabela 25, no ano de 2017 o perfil “Colaborativo” ($M=90$; $DP=12.49$) tem o valor de média mais elevado, seguido do perfil “Tecnológico” ($M=89.17$; $DP=10.63$), perfil “Crítico” ($M=88.33$; $DP=10.41$), perfil “Inovador” ($M=87.08$; $DP=11.34$), perfil “Dialogador” ($M=79.58$; $DP=18.22$) e por fim, o valor menos elevado foi o perfil “Tradicional” ($M=60$; $DP=28.48$).

No ano 2018 os dois perfis mais valorizados continuaram a ser o perfil “Colaborativo” ($M=93$; $DP=6.63$) e “Tecnológico” ($M=89.37$; $DP=9.49$), mas seguidos do perfil “Inovador” ($M=88.75$; $DP=9.13$), “Dialogador” ($M=87.19$; $DP=9.76$), “Crítico” ($M=87.08$; $DP=8.95$) e, igualmente, o “Tradicional” ($M=70.83$; $DP=18.13$) com o valor menor.

No ano de 2019 o perfil “Colaborativo” ($M=88$; $DP=11.92$) continua a ser o perfil com maior valor de média, mas agora seguido do perfil “Inovador” ($M=86.25$; $DP=11.11$), “Crítico” ($M=81.67$; $DP=10.21$), “Tecnológico” ($M=79.75$; $DP=9.62$), “Dialogador” ($M=75.5$; $DP=18.45$) e por fim, novamente, o perfil “Tradicional” ($M=62.67$; $DP=16.7$).

No ano de 2020, verifica-se uma alteração na ordem de maiores valores de média a iniciar pelo perfil “Inovador” ($M=95$; $DP=0$), seguido do perfil “Colaborativo” ($M=92$; $DP=0$), “Tecnológico” ($M=88.75$; $DP=0$), “Crítico” ($M=85$; $DP=0$), “Dialogador” ($M=81.25$; $DP=0$) e por fim o perfil “Tradicional” ($M=40$; $DP=0$).

No último ano analisado, 2021, o perfil “Inovador” ($M=92.92$; $DP=3.15$) continua com o valor superior, mas agora seguido do perfil “Crítico” ($M=92.22$; $DP=2.55$), “Dialogador” ($M=90$; $DP=6.61$), “Tecnológico” ($M=89.17$; $DP=10.1$), “Colaborativo” ($M=88$; $DP=7.21$) e por fim, o “Tradicional” ($M=78.89$; $DP=8.89$).

Constatamos que o perfil “Tradicional”, independentemente do ano de conclusão, foi sempre o perfil com o valor inferior, contudo registou o maior valor de média no último ano analisado e o seu menor valor foi registado no ano anterior, em 2020.

O perfil “Crítico” e “Dialogador” registaram ambos os seus maiores valores de média no ano de 2021 e os menores no ano de 2019. O perfil “Inovador” registou o seu maior valor no ano de 2020 e o perfil “Tecnológico” no ano de 2018, mas ambos registaram o seu menor valor no ano de 2019 à semelhança dos dois perfis analisados anteriormente. O perfil “Colaborativo” regista o valor mais elevado à semelhança do

“Inovador” no ano de 2018, contudo o valor menor foi registado no ano de 2019 e 2021.

É possível assim concluir que houve uma alteração dos valores de média dos perfis pelos diferentes anos de conclusão, com destaque para o ano de 2021 em que os perfis “Tradicional”, “Crítico” e “Dialogador” registaram os seus melhores valores de média. No ano de 2018, o perfil “Colaborativo” e “Tecnológico” registaram a sua maior tendência no período em análise e o perfil “Inovador” registou-a no ano de 2020. Por outro lado, é possível também afirmar que os perfis em análise registaram a sua menor ênfase no período em análise no ano de 2019, exceto o tradicional que o registou no ano seguinte, 2020.

Tabela 26 - Média e desvio-padrão do questionário “Sport Coach Decision Style” dos recém-licenciados, em função do ano de conclusão do grau de licenciatura.

	2017	2018	2019	2020	2021
Autoritário	46.67±31.8	64.17±17.72	42.67±17.06	33.33±0	70±30
Democrático	74.43±13.47	89.17±5	84±11.64	93.33±0	95.56±5.09
Permissivo	46.67±22.55	43.12±10.87	50±15.51	40±0	66.67±29.3

Observando a tabela 26, no ano de 2017, o perfil “Democrático” ($M=74.43$; $DP=13.47$) apresente o valor superior em comparação com o perfil “Autoritário” ($M=46.67$; $DP=31.8$) e “Permissivo” ($M=46.67$; $DP=22.55$), cujo valor de média é igual.

Os recém-licenciados participantes da amostra, com conclusão do grau de licenciatura em 2018, apresentam o maior valor de média no perfil “Democrático” ($M=89.17$; $DP=5$), seguido do perfil “Autoritário” ($M=64.17$; $DP=17.72$) e “Permissivo” ($M=43.12$; $DP=10.87$).

No ano de 2019, o perfil “Democrático” apresentou o maior valor de média ($M=84$; $DP=11.64$) e de seguida, ao contrário do ano de conclusão anteriormente analisado, apresenta-se o valor de média do perfil “Permissivo” ($M=50$; $DP=15.51$) e o perfil “Autoritário” ($M=42.67$; $DP=17.06$).

No ano de 2020, à semelhança da ordem referida no ano anterior, o perfil com maior valor de média foi o “Democrático” ($M=93.33$; $DP=0$), seguido do “Permissivo” ($M=40$; $DP=0$) e “Autoritário” ($M=33.33$; $DP=0$).

No último ano analisado, 2021, o perfil “Democrático” ($M=95.56$; $DP=5.09$) apresenta o maior valor e à semelhança do ano de 2018 é seguido do perfil “Autoritário” ($M=70$; $DP=30$) e o menor valor é apresentado no perfil “Permissivo” ($M=66.67$; $DP=29.3$).

O perfil “Autoritário” e “Permissivo” apresentam o menor valor no ano de conclusão de 2020, enquanto o perfil “Democrático” o apresenta no primeiro ano analisado, em 2017. Relativamente ao ano em que os perfis registaram o seu maior valor de média, foram os três, em 2021.

É possível, assim, afirmar que o perfil “Democrático”, independentemente do ano de conclusão dos recém-licenciados, é o tipo de perfil dominante pois apresenta sempre um valor superior em comparação com os restantes perfis analisados no “Sport Coach Decision Style”.

Nas tabelas 27 e 28 analisamos a média e desvio-padrão das variáveis em estudo no “Coach Profile Questionnaire” e “Sport Coach Decision Style”, em função dos anos de experiência dos treinadores.

	Nenhuma	Entre 2 e 3	Entre 4 e 5	Entre 6 e 7	Entre 8 e 9	Mais de 11
Tradicional	60.61±18.79	66.67±5.76	67.62±18.33	91.67±2.36	69.17±16.64	77.5±9.18
Crítico	81.67±11.59	90.56±3.47	86.43±10.99	83.33±9.43	84.17±9.67	77.08±6.29
Dialogador	79.32±10,08	85±3.31	85.36±8.68	91.25±8.84	77.19±17.81	81.25±13.96
Inovador	82.95±9.91	87.92±6.29	86.79±10.23	93.75±3.53	83.75±8.42	77.5±10.56
Tecnológico	75.23±12.93	73.33±9.04	86.79±11.7	86.88±7.96	80.62±6,49	68.12±9.66
Colaborativo	79.81±13.64	86.67±2.31	84.57±10.88	95±7.07	87±8.24	71.5±29.05

Tabela 27 - Média e desvio-padrão do questionário “Coach Profile Questionnaire” dos treinadores, em função dos anos de experiência.

Da análise à tabela 27, constatamos que no questionário intitulado de “Coach Profile Questionnaire”, os treinadores sem nenhuma experiência, apresentam um maior valor de média no perfil “Inovador” ($M=82.95$; $DP=9.91$), seguido do perfil “Crítico” ($M=81.67$; $DP=11.59$), perfil “Colaborativo” ($M=79.81$; $DP=13.64$), perfil “Dialogador” ($M=79.32$; $DP=10,08$), perfil “Tecnológico” ($M=75.23$; $DP=12.93$) e por fim, o perfil “Tradicional” ($M=60,61$; $DP=18,79$).

Entre 2 e 3 anos de experiência o perfil com maior valor de média, entre os treinadores foi o perfil “Crítico” ($M=90.56$; $DP=3.47$), perfil “Inovador” ($M=87.92$; $DP=6.29$), perfil “Colaborativo” ($M=86.67$; $DP=2.31$), perfil “Dialogador” ($M=85$; $DP=3.31$), perfil “Tecnológico” ($M=73.33$; $DP=9.04$) e com o menor valor, segue-se, o perfil “Tradicional” ($M=66.67$; $DP=5.76$).

Entre 4 e 5 anos de experiência o perfil “Inovador” ($M=86.79$; $DP=10.23$) e “Tecnológico” ($M=86.79$; $DP=11.7$) com o mesmo valor de média, apresentam o valor

superior, em comparação ao perfil “Crítico” ($M=86.43$; $DP=10.99$) com o segundo maior valor de média, seguido do perfil “Dialogador” ($M=85.36$; $DP=8.68$), “Colaborativo” ($M=84.57$; $DP=10.88$) e com o valor menor, o perfil “Tradicional” ($M=67.62$; $DP=18.33$).

Entre 6 e 7 anos de experiência, o perfil “Colaborativo” ($M=95$; $DP=7.07$) apresenta o valor superior em comparação aos treinadores com os mesmos anos de experiência, seguidos do perfil “Inovador” ($M=93.75$; $DP=3.53$), perfil “Tradicional” ($M=91.67$; $DP=2.36$), perfil “Dialogador” ($M=91.25$; $DP=8.84$), perfil “Tecnológico” ($M=86.88$; $DP=7.96$) e ao contrário dos valores das médias nas últimas análises do questionário, o valor menor, apresenta-se no perfil “Crítico” ($M=83.33$; $DP=9.43$).

Entre 8 e 9 anos de experiência, o perfil “Colaborativo” ($M=87$; $DP=8.24$) apresenta à semelhança do ano anteriormente analisado, o valor mais elevado de média, mas seguido do perfil “Crítico” ($M=84.17$; $DP=9.67$), perfil “Inovador” ($M=83.75$; $DP=8.42$), perfil “Tecnológico” ($M=80.62$; $DP=6.49$), perfil “Dialogador” ($M=77.19$; $DP=17.81$) e por fim com o menor valor, o perfil “Tradicional” ($M=69.17$; $DP=16.64$), tal como nos períodos anteriormente analisados, exceto os treinadores com experiência entre 6 e 7 anos.

Por fim, os treinadores com mais de 11 anos de experiência, apresentam o valor de média mais elevado no perfil “Dialogador” ($M=81.25$; $DP=13.96$), seguido do perfil “Inovador” ($M=77.5$; $DP=10.56$) e “Tradicional” ($M=77.5$; $DP=9.18$) com um valor de média idêntico. Posteriormente segue-se o perfil “Crítico” ($M=77.08$; $DP=6.29$), perfil “Colaborativo” ($M=71.5$; $DP=29.05$) e por fim, com o valor menor apresenta-se o perfil “Tecnológico” ($M=68.12$; $DP=9.66$).

Constatamos então que o perfil que registou um maior valor de média nos treinadores foi disperso, embora o perfil “Inovador” seja aquele que parece ser o mais consensual, pois surge com valores superiores em metade das categorias: nos treinadores sem nenhuma experiência, treinadores entre 4 e 5, 6 e 7 anos de experiência. Também para os treinadores entre 2 e 3 anos e mais de 11 anos de experiência este é o 2º perfil dominante.

Relativamente ao perfil que registou um menor valor de média nos treinadores foi o perfil “Tradicional” aquele que mais se destaca, pois, surge nos que não têm nenhuma experiência, que têm entre 2 e 3, 4 e 5, 8 e 9 anos de experiência (4 em 6 categorias).

Tabela 28 - Média e desvio-padrão do questionário "Sport Coach Decision Style" dos treinadores, em função dos anos de experiência.

	Nenhuma	Entre 2 e 3	Entre 4 e 5	Entre 6 e 7	Entre 8 e 9	Mais de 11
Autoritário	52.73±27.32	38.89±25.24	69.52±19.75	85±21.21	60±17.43	75.83±20.43
Democrático	77.58±13.17	90±3.32	80.48±18.8	96.67±4.71	85±12.32	86.67±2.72
Permissivo	33.57±20.82	45±4.32	47.86±24.85	66.25±15.91	41.25±14,51	52.5±30.48

Na tabela 28, os treinadores sem experiência apresentam o maior valor de média no "Sport Coach Decision Style", no perfil "Democrático" ($M=77.58$; $DP=13.17$), seguido do "Autoritário" ($M=52.73$; $DP=27.32$) e com o valor menor apresenta-se o perfil Permissivo" ($M=33.57$; $DP=20.82$).

Os treinadores com experiência entre 2 e 3 anos, à semelhança dos treinadores sem nenhuma experiência registam o maior valor de média no perfil "Democrático" ($M=90$; $DP=3.32$), seguido do "Permissivo" ($M=45$; $DP=4.32$) e por fim, o perfil "Autoritário" ($M=38.89$; $DP=25.24$).

Entre 4 e 5 anos, os treinadores registam o perfil "Democrático" ($M=80.48$; $DP=18.8$) com o valor superior quando comparado com o perfil "Autoritário" ($M=69.52$; $DP=19.75$) e ainda maior comparativamente com o perfil "Permissivo" ($M=47.86$; $DP=24.85$).

Os treinadores com experiência entre 6 e mais de 11 anos apresentam um registo de maior valor de média no perfil "Democrático", seguido do perfil "Autoritário" e por fim o "Permissivo".

Nas divisões por anos de experiência dos treinadores de desporto adaptado o valor mais elevado recai sempre no perfil "Democrático", e o valor menos elevado no perfil "Permissivo" em quase todos, exceto nos treinadores com 2 e 3 anos que recai no perfil "Autoritário".

Pode-se assim afirmar que o perfil "Democrático" predomina no estilo de decisão dos treinadores de desporto adaptado, independentemente da experiência. O perfil "Autoritário" predomina com o maior segundo valor de média, por treinadores sem experiência e com experiência entre 4 a mais de 11 anos, enquanto o perfil "Permissivo" é o estilo de decisão menos dominante dos treinadores sem experiência e com experiência entre 4 a mais de 11 anos.

Entre 6 e 7 anos de experiência, regista-se um maior valor das médias nos três perfis analisados. O perfil "Democrático" e "Permissivo" apresenta um menor valor

das médias nos treinadores sem nenhum ano de experiência. O perfil “Autoritário” regista o seu menor valor das médias nos treinadores com 2 a 3 anos de experiência, o que nos permite afirmar que os perfis do estilo de tomada de decisão têm uma tendência a registar menores valores nos treinadores com menos experiência.

2.2 Análise Inferencial

Neste capítulo iremos expor os resultados obtidos após a realização dos procedimentos estatísticos descritivos necessários, de forma a confirmar ou rejeitar as hipóteses de estudo.

Iremos verificar se existem diferenças entre as situações profissionais analisadas (recém-licenciados e treinadores com experiência no desporto adaptado), nas variáveis de investigação e seguidamente apurar se existem se os anos de conclusão de licenciatura ou anos de experiência e o género exercem influência sobre essas variáveis e consequentemente nas situações profissionais.

Hipótese 1: Não existem diferenças significativas em função do género, no perfil de treinador dos recém-licenciados.

Com o intuito de respondermos à hipótese 1 efetuou-se um teste de normalidade, no qual aferimos que os perfis “Tradicional”, “Inovador”, “Tecnológico” e “Colaborativo” apresentavam uma distribuição normal, ao contrário do perfil “Crítico” e “Dialogador” que apresentaram uma distribuição não normal. Como tal, aplicamos a prova T de amostras independentes para o perfil “Tradicional”, “Inovador”, “Tecnológico” e “Colaborativo” e o teste não paramétrico U de Mann-Whitney, como podemos verificar na tabela que se segue.

Na tabela 29, apresentam-se os valores médios e os desvios padrões obtidos nas diferentes variáveis da nossa investigação e quando analisados os níveis de significância, verificamos que em todas as variáveis os valores de significância de $\alpha > 0.05$, o que sugere que não existem diferenças estatisticamente significativas entre géneros, o que nos leva a aceitar a hipótese 1.

Tabela 29 - Nível de significância das comparações em função do género, no perfil de treinador dos recém-licenciados

	Masculino	Feminino	Sig
	Recém-Licenciado	Recém-Licenciado	
Tradicional	61.33±21.93	67.88±17.97	0.54
Crítico	89.67±6.17	85±9.43	0.43
Dialogador	83.25±13.85	81.82±14.67	0.82

Inovador	90±7.24	88.3±9.66	0.73
Tecnológico	92.25±6.58	83.52±9.71	0.09
Colaborador	93.2±6.42	88.35±9.71	0.33

*Sig. $\alpha \leq 0.05$

Hipótese 2: Não existem diferenças significativas em função dos anos de conclusão de licenciatura, no perfil de treinador dos recém-licenciados.

Iniciando a análise a esta hipótese, efetuou-se o teste de normalidade que registou uma distribuição normal no perfil “Tradicional”, “Inovador”, “Tecnológico” e “Colaborativo”, ao contrário do perfil “Crítico” e “Dialogador”. Na fase seguinte com o intuito de avaliar as diferenças significativas entre a variável dependente por uma independente realizou-se o teste ANOVA para os perfis com distribuição normal e o teste não paramétrico, Kruskal Wallis, para os perfis sem distribuição normal.

Na tabela 30 que apresenta os valores de média e desvio-padrão obtidos nas diferentes variáveis da investigação, analisando o valor de significância, os resultados indicam-nos que não existem diferenças estatisticamente significativas e a hipótese 2 é aceite.

Tabela 30 - Nível de significância das comparações em função dos anos de conclusão de licenciatura, no perfil de treinador dos recém-licenciados

	2017	2018	2019	2020	2021	Sig.
Tradicional	60±28.48	70.83±18.13	62.67±16.7	40±0	78.89±8.89	0.44
Crítico	88.33±10.41	87.08±8.95	81.67±10.2	85±0	92.22±2.55	0.54
Dialogador	79.58±18.22	87.19±9.76	75.5±18.45	81,25±0	90±6.61	0.54
Inovador	87.08±11.34	88.75±9.13	86.25±11.1	95±0	92.92±3.15	0.84
Tecnológico	89.17±10.63	89.37±9.49	79.75±9.62	88,75±0	89.17±10.1	0.56
Colaborativo	90±12.49	93±6.63	88±11.92	92±0	88±7.21	0.95

*Sig. $\alpha \leq 0.05$

Hipótese 3: Não existem diferenças significativas em função do género, no perfil de treinador dos treinadores de desporto adaptado.

Para analisarmos esta hipótese, realizou-se um teste de normalidade, onde verificamos uma distribuição não normal no perfil “Crítico” e “Dialogador”, mas também uma distribuição normal no perfil “Tradicional”, “Inovador”, “Tecnológico” e “Colaborativo”. Como tal aplicou-se o teste não paramétrico U de Mann-Whitney para o perfil “Crítico” e “Dialogador”, enquanto para o perfil “Tradicional”, “Inovador”, “Tecnológico” e “Colaborativo” aplicou-se o Teste T para amostras independentes.

Analisando a tabela 31, com os valores médios e desvio-padrão obtidos nas diferentes variáveis da nossa investigação e quando analisados os valores de significância, verificamos que em todas as variáveis, tal como se sucedeu na hipótese anterior, apresentam um $\alpha > 0.05$. Aceita-se, assim, a hipótese 3 de não haver diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 31 - Nível de significância das comparações em função do género, no perfil de treinador dos treinadores de desporto adaptado

	Masculino	Feminino	
	Treinador	Treinador	Sig
Tradicional	69.67±18.26	64.67±14.76	0.46
Crítico	84.36±9.26	81.5±11.65	0.36
Dialogador	82.26±11.91	81.37±8.89	0.45
Inovador	84.17±8.89	84.87±11.2	0.85
Tecnológico	78.04±11.36	78.5±14.21	0.92
Colaborador	82.86±15.24	81.4±13.92	0.8

*Sig. $\alpha \leq 0.05$

Hipótese 4: Existem diferenças significativas em função dos anos de experiência, no perfil de treinador dos treinadores de desporto adaptado

De forma a analisar a hipótese, efetuou-se o teste de normalidade que registou uma distribuição normal no perfil “Tradicional”, “Inovador”, “Tecnológico” e “Colaborativo”, ao contrário do perfil “Crítico” e “Dialogador”. Para avaliar as diferenças significativas, selecionou-se o teste ANOVA para os perfis com distribuição normal e o teste não paramétrico, Kruskal Wallis, para o perfil “Crítico” e “Dialogador”.

Na tabela 32 que apresenta os valores de média e desvio-padrão obtidos nas diferentes variáveis da investigação, analisando o valor de significância, conclui-se que não existem diferenças estatisticamente significativas em função dos anos de experiência, no perfil de treinador dos treinadores de desporto adaptado e a hipótese 4 é rejeitada.

	Nenhuma	Entre 2 e 3	Entre 4 e 5	Entre 6 e 7	Entre 8 e 9	Mais de 11	Sig.
Tradicional	60.61±18.79	66.67±5.76	67.62±18.33	91.67±2.36	69.17±16.64	77.5±9.18	0,76
Crítico	81.67±11.59	90.56±3.47	86.43±10.99	83.33±9.43	84.17±9.67	77.08±6.29	0.68
Dialogador	79.32±10,08	85±3.31	85.36±8.68	91.25±8.84	77.19±17.81	81.25±13.96	0.36
Inovador	82.95±9.91	87.92±6.29	86.79±10.23	93.75±3.53	83.75±8.42	77.5±10.56	0.93
Tecnológico	75.23±12.93	73.33±9.04	86.79±11.7	86.88±7.96	80.62±6,49	68.12±9.66	0.49
Colaborativo	79.81±13.64	86.67±2.31	84.57±10.88	95±7.07	87±8.24	71.5±29.05	0.2

Tabela 32 - Nível de significância das comparações em função dos anos de experiência, no perfil de treinador dos treinadores de desporto adaptado

*Sig. $\alpha \leq 0.05$

Hipótese 5: Não existem diferenças significativas em função do género, no estilo de tomada de decisão dos recém-licenciados.

Para respondermos à hipótese 5 realizou-se um teste de normalidade, no qual se aferiu com distribuição normal o perfil “Permissivo” e não normal os restantes perfis do estilo de tomada de decisão, o “Autoritário” e “Democrático”. Como tal, aplicamos a prova T de amostras independentes para o perfil “Permissivo” e o teste não paramétrico U de Mann-Whitney para o perfil “Autoritário” e “Democrático”.

Na tabela 33, apresentamos os valores médios e os desvios padrões obtidos nas diferentes variáveis da nossa investigação e quando analisados os níveis de significância, verificamos que em todas as variáveis o $\alpha > 0.05$, o que sugere que não existem diferenças estatisticamente significativas entre géneros no estilo de tomada de decisão dos recém-licenciados, o que nos leva a aceitar a hipótese 5.

Tabela 33 - Nível de significância das comparações em função do género, no estilo de tomada de decisão dos recém-licenciados

	Masculino	Feminino	Sig
	Recém-Licenciado	Recém-Licenciado	
Autoritário	46.67±24.04	56.36±23.86	0.46

Democrático	86±12.11	86.36±11.1	0.86
Permissivo	50.5±17.27	50±20.03	0.96

*Sig. $\alpha \leq 0.05$

Hipótese 6: Não existem diferenças significativas em função dos anos de conclusão de licenciatura, no estilo de tomada de decisão dos recém-licenciados.

De forma a responder à hipótese acima descrita, à semelhança das respostas das hipóteses anteriores, efetuou-se o teste de normalidade que registou distribuição normal no perfil “Permissivo” e não normal, no perfil “Autoritário” e “Democrático”. Após a verificação da normalidade das variáveis investigadas, avaliou-se as diferenças significativas entre as variáveis dependentes e independente com o teste ANOVA para o perfil “Permissivo” e, por fim, para o perfil “Autoritário” e “Democrático” avaliou-se com o teste não paramétrico Kruskal Wallis.

Analisando o valor de significância, apresentados na tabela 34, conclui-se que não existem diferenças estatisticamente significativas em função dos anos de conclusão de licenciatura, no estilo de tomada de decisão dos recém-licenciados e aceita-se, assim, a hipótese 6.

Tabela 34 - Nível de significância das comparações em função dos anos de conclusão de licenciatura, no estilo de tomada de decisão de treinador dos recém-licenciados

	2017	2018	2019	2020	2021	Sig.
Autoritário	46.67±31.8	64.17±17.72	42.67±17.06	33.33±0	70±30	0.27
Democrático	74.43±13.47	89.17±5	84±11.64	93.33±0	95.56±5.09	0.21
Permissivo	46.67±22.55	43.12±10.87	50±15.51	40±0	66.67±29.3	0.56

*Sig. $\alpha \leq 0.05$

Hipótese 7: Não existem diferenças significativas em função do género, no estilo de tomada de decisão dos treinadores de desporto adaptado.

No processo de verificação da normalidade, o perfil “Permissivo” aferiu uma distribuição normal, o que não se verificou no perfil “Autoritário” e “Democrático”. Aplicou-se o teste não paramétrico, U de Mann Whitney, para os perfis “Autoritário” e “Democrático”, enquanto para o perfil “Permissivo” aplicou-se a prova T com o intuito de verificar os valores de significância em função do género, no estilo de tomada de decisão dos treinados de desporto adaptado.

Na tabela 35 que apresenta os valores médios e desvio-padrão obtidos nas diferentes variáveis de investigação, analisou-se o valor de significância e verificou-se um $\alpha > 0.05$. Aceita-se a hipótese 7, por não haver diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 35 - Nível de significância das comparações em função do género, no estilo de tomada de decisão de treinador dos treinadores de desporto adaptado

	Masculino	Feminino	
	Treinador	Treinador	Sig
Autoritário	61.27±25.9	61±23.68	0.93
Democrático	82.06±13.92	84.33±12.58	0.85
Permissivo	42.02±20.63	46.42±25.2	0.61

*Sig. $\alpha \leq 0.05$

Hipótese 8: Existem diferenças significativas no estilo de tomada de decisão, em função dos anos de experiência, dos treinadores de desporto adaptado.

No processo de verificação da normalidade, o perfil “Permissivo” aferiu uma distribuição normal, o que não se verificou no perfil “Autoritário” e “Democrático”. Com o intuito de se verificar o valor de significância no estilo de tomada de decisão, em função dos anos de experiência dos treinadores de desporto adaptado, realizou-se o teste ANOVA para o perfil “Permissivo” e o teste Kruskal Wallis para o perfil “Autoritário” e “Democrático”.

Na tabela 36 que apresenta os valores de média e desvio-padrão obtidos nas diferentes variáveis da investigação, analisando o valor de significância, conclui-se que não existem diferenças estatisticamente significativas em função dos anos de experiência, no estilo de tomada de decisão de treinador dos treinadores de desporto adaptado e a hipótese 8 é rejeitada.

	Nenhuma	Entre 2 e 3	Entre 4 e 5	Entre 6 e 7	Entre 8 e 9	Mais de 11	Sig.
Autoritário	52.73±27.32	38.89±25.24	69.52±19.75	85±21.21	60±17.43	75.83±20.43	0.99
Democrático	77.58±13.17	90±3.32	80.48±18.8	96.67±4.71	85±12.32	86.67±2.72	0.36
Permissivo	33.57±20.82	45±4.32	47.86±24.85	66.25±15.91	41.25±14,51	52.5±30.48	0.91

Tabela 36 - Nível de significância das comparações em função dos anos de experiência, no estilo de tomada de decisão de treinador dos treinadores de desporto adaptado*Sig. $\alpha \leq 0.05$

Hipótese 9: Não existem diferenças significativas no perfil de treinador entre os treinadores de desporto adaptado com experiência no terreno e recém-licenciados na área.

Para analisarmos esta hipótese, fizemos um teste de normalidade, verificando-se uma distribuição não normal no perfil “Crítico” e “Dialogador”, mas também uma distribuição normal no perfil “Tradicional”, “Inovador”, “Tecnológico” e “Colaborativo”. Com o intuito de verificar o valor de significância em função dos dois grupos de análise (Recém-Licenciados e Treinadores de desporto adaptado), realizou-se a prova T para os perfis com distribuição normal e o teste não paramétrico U de Mann Whiteny para os perfis com distribuição não normal.

Ao analisarmos a tabela 37, após a aplicação da prova T, podemos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas no perfil “Tecnológico”, com um valor de $\alpha = 0.03$ na comparação dos grupos de análise. Nos restantes perfis de treinador que analisamos o valor de significância, o $\alpha > 0.05$, o que sugere que não há diferenças estatisticamente significativas.

Desta forma, podemos afirmar que existem diferenças estatisticamente significativas apenas no perfil “Tecnológico”, em função da comparação dos dois grupos de análise. Como o mesmo não acontece nos restantes perfis, rejeitamos a hipótese 9.

Tabela 37 - Nível de significância das comparações em função dos Recém-licenciados e Treinadores de desporto adaptado, no perfil de treinador

	Recém-licenciados		Treinadores		Sig.
	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão	
Tradicional	65.83	18.8	68.07	17.12	0.68
Crítico	86.46	8.62	83.43	9.99	0.36
Dialogador	82.27	13.97	81.98	10.89	0.72
Inovador	88.83	8.75	84.39	9.51	0.13
Tecnológico	86.25	9.59	78.19	12.1	0.03*
Colaborador	89.87	8.9	82.39	14.61	0.07

*Sig. $\alpha \leq 0.05$

Hipótese 10: Não existem diferenças significativas no estilo de tomada de decisão de treinador entre os treinadores de desporto adaptado com experiência no terreno e recém-licenciados na área.

Realizamos, com o intuito de respondermos à hipótese 10, um teste de normalidade, no qual se aferiu com distribuição normal o perfil “Permissivo” e não normal os restantes perfis do estilo de tomada de decisão, o “Autoritário” e “Democrático”. Aplicou-se a prova T para o perfil “Permissivo” e U de Mann Whitney para o perfil “Autoritário” e “Democrático”, com o intuito de verificar o valor de significância entre os dois grupos em análise, no estilo de tomada de decisão.

Na tabela 38 que apresenta os valores de média e desvio-padrão obtidos nas diferentes variáveis da investigação, analisando o valor de significância, conclui-se que não existem diferenças estatisticamente significativas em função da comparação dos dois grupos de análise, no estilo de tomada de decisão e a hipótese 10 é aceite.

Tabela 38 - Nível de significância das comparações em função dos Recém-licenciados e Treinadores de desporto adaptado, no estilo de tomada de decisão do treinador

	Recém-licenciados		Treinadores		Sig.
	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão	
Autoritário	53.33	23.57	61.18	24.8	0.21
Democrático	86.25	11.01	82.8	13.36	0.48
Permissivo	50.16	18.63	43.44	21.87	0.30

*Sig. $\alpha \leq 0.05$

3. Discussão dos resultados

No presente capítulo serão discutidos os resultados apresentados no capítulo anterior relativamente às hipóteses de investigação lançadas no início do estudo e dos fundamentos teóricos descritos no capítulo da revisão da literatura.

Mallett e Côté (2006) afirmaram que os treinadores são fundamentais para o progresso desportivo dos seus atletas, na medida em que lhes cabe prepará-los com base em conhecimentos específicos imprescindíveis para a obtenção de sucesso na respetiva modalidade. Os treinadores também têm uma grande responsabilidade em tornar agradável a prática desportiva, sendo as metodologias de treino adotadas e o apoio prestado pelo treinador aos seus atletas um dos principais aspetos geradores de sucesso no desporto (Nazarudin et al., 2009). Recentemente, Fernandes (2021) num estudo com 127 desportistas de desporto adaptado e desporto regular concluiu que o efeito da prática desportiva nestes indivíduos permite-lhes que alcancem mais facilmente a satisfação das necessidades psicológicas básicas, levando-os a adotar comportamentos motivados autonomamente, promovendo assim níveis elevados de satisfação com a vida.

Martins (1990) é da opinião que relativamente ao perfil do técnico desportivo ideal, dificilmente se conseguirá prescrever uma “receita” unicamente eficaz; poderão, isso sim, ser identificados traços de personalidade comuns a técnicos bem-sucedidos, mas a diversidade de situações de treino impedirá, certamente, que se chegue a uma conduta estereotipada eficaz. Neste sentido, o treinador tem como função otimizar e maximizar as potencialidades da equipa ou do desportista, o que requer constantes tomadas de decisões sobre uma vasta multiplicidade de aspetos e fatores (Cushion et al., 2003).

Neste contexto, o objetivo principal do estudo incidiu em identificar o perfil e estilo de decisão tanto dos treinadores de desporto adaptado com experiência como dos recém-licenciados da área em função do género e anos de experiência ou anos de conclusão de licenciatura, consoante a situação profissional, pois existem vários fatores que são determinantes do sucesso desportivo entre os quais se encontram as características do treinador, a sua formação e experiência (Rodrigues, 1997).

No que diz respeito à variável do género relacionada com o perfil de treinador, observamos que não existem diferenças significativas tanto na situação profissional de recém-licenciado como a de treinador com experiência, contudo, esta última apresenta diferenças de preferência de perfil. O género masculino apresenta valores superiores no perfil “Crítico” e o género feminino no perfil “Inovador”. Os recém-licenciados não apresentam diferenças de preferência entre si, mas apresentam na preferência quando comparados com os treinadores com experiência, pois o perfil com maior valor de média foi o “Dialogador”. O perfil “Tradicional” que tem o menor valor é consensual independentemente do género e situação profissional. O estudo realizado por Fraile et al. (2011) analisou o perfil de treinadores desportivos escolares de Portugal, França, Itália e Espanha cujos resultados encontrados estão de acordo com os da nossa investigação. Identifica-se que não existem perfis de treinador puros. Tal como no desporto adaptado, os treinadores definem-se e consideram que é melhor para a sua intervenção profissional adotar perfis mais dialógicos, com atitudes reflexivas e vontade de inovar no processo de treino. Treinar com atletas jovens e de desporto adaptado pode exigir um maior domínio dessas habilidades do que outros. Assim, os resultados desta pesquisa confirmam que os perfis com maior prevalência são o de “Dialogador”, seguido do perfil “Crítico” e “Inovador”. Por outro lado, o perfil “Colaborativo”, “Tradicional” e “Tecnológico” são os que apresentam menor valor de média. As características e necessidades dos atletas adaptados podem exigir menos domínio de habilidades tecnológicas, adoção de um perfil “Tradicional” ou a delegação de habilidades, pois o treino é altamente personalizado. No estudo de Nunes (2020) os resultados obtidos aferem que homens e mulheres adotam um perfil “Inovador” na qual experimenta e introduz mudanças e preferem, ainda, que os seus colaboradores sugiram novas estratégias para melhorar o treino. No entanto alguns dos homens também adotam um perfil mais crítico, em que analisa, reflete e critica o processo de treino que está a desenvolver, sendo então

um inconformista, provocando um clima mais tenso dentro da equipa (Ibáñez, 1996). Assim afirma-se que os estudos acima indicados vão ao encontro dos nossos resultados, com exceção dos recém-licenciados na área do desporto adaptado, independentemente do género pois o valor de maior média no perfil “Colaborador” é divergente dos resultados comparativamente aos da literatura.

Relativamente à variável do género relacionada com o estilo de tomada de decisão não existem também diferenças significativas tanto na situação profissional de treinador com experiência como a de recém-licenciado na área. Ao contrário do que se sucedeu nos resultados do perfil tendo em conta a variável, não existe diferença de preferência de perfil entre ambas as situações profissionais, mas existe no perfil com menor valor de média nos recém-licenciados. Ambas as situações profissionais recaem sobre a preferência do perfil “Democrático” e o valor de média menos elevado apresentou-se no perfil “Permissivo” com exceção dos recém-licenciados do género masculino em que se apresentou o menor valor no perfil “Autoritário”. Estes dados vêm ao encontro das afirmações de Sousa (2013) em que o género não influencia os estilos de tomada de decisão, no estudo de análise a treinadores de futebol português e da preferência do estilo nos treinadores de desporto adaptado que segundo Pires et al. (2019) constatou-se que os treinadores apresentam uma forma mais democrática de liderar os treinos seguido de um estilo autoritário e permissivo.

Quanto à variável da experiência relacionada com o perfil não existem diferenças estatisticamente significativas nos treinadores de desporto adaptado. Os resultados indicam um maior valor de média de perfil variável, conforme a experiência, contudo, o perfil “Inovador” surge com valores superiores em metade das categorias e nas restantes apresenta o maior segundo valor. O perfil “Tradicional” destaca-se pelo menor valor tal como na relação com a variável do género. Os resultados vão de encontro ao retratado na literatura. Durante o desenvolvimento profissional o treinador adota diferentes perfis (Ramírez & Ibáñez, 2007). O desenvolvimento profissional de um treinador é um processo abrangente que inclui os diferentes caminhos e experiências que influenciam a sua aprendizagem e o seu crescimento global (Mallett et al., 2009; Trudel et al., 2010). Araújo (1997) afirma que não existe um perfil standardizado de treinador de sucesso, mas sim vários, de acordo com as circunstâncias e respetivas necessidades de intervenção. No desporto adaptado os resultados de maior valor de média no perfil “Inovador” e menor valor no “Tradicional” vão ao encontro dos resultados da investigação de Pires et al. (2019) em que se constata relativamente aos modelos de treinador uma tendência para uma forma mais inovadora e menos tradicional.

A variável da experiência relacionada com a tomada de decisão não apresenta diferenças estatisticamente significativas nos treinadores de desporto adaptado tal como se sucede com a relação da variável com o perfil. O estilo de tomada de decisão “Democrático” predomina, independentemente da experiência. O estilo com o menor valor de média é o “Permissivo”, salva exceção dos treinadores com experiência entre

2 a 3 anos em que o menos valor de média incide no perfil “Autoritário”. Afirmar-se assim que há a possibilidade de a experiência influenciar a tomada de decisão do treinador, tal como afirma Sousa (2013), pois a experiência do mesmo pode ser determinante para a mudança ou não de atitude, aquando da tomada de decisão. Apesar da possibilidade, no desporto adaptado é possível afirmar que o estilo “Democrático” predomina entre os treinadores da área, em consenso com os resultados da investigação de Pires et al. (2019) citados anteriormente.

A variável dos anos de conclusão dos recém-licenciados relacionada com o perfil de treinador tal como nas relações de variáveis anteriores não apresentam diferenças estatisticamente significativas. O perfil “Colaborador” registou o maior valor de média nos três primeiros anos analisados (2017, 2018 e 2019), após esse período, o perfil “Inovador” foi o que registou maiores valores nos últimos dois anos de análise. O perfil “Tradicional” continua a ser consensual, independentemente da variável, como o perfil de treinador com menor média entre os recém-licenciados. Assim podemos observar que apesar de a formação ser a mesma, a preferência e características dos perfis de treinador alteram. Os recém-licenciados do IPCB no início do período em análise tinham a preferência de treinador “Colaborador” que ia em sentido contrário aos resultados da literatura, contudo nos últimos dois anos de análise, os recém-licenciados adotaram como perfil de treinador preferencial, o “Inovador”, idêntico aos do treinador com experiência, aproximando-se assim o perfil de treinador dos estudantes aos dos técnicos que trabalham na área tanto no perfil com maior como o de menor valor. Segundo Pires et al. (2021) a formação académica permite a adoção de perfis específicos de treinador como o tradicional, dialogador e crítico, pois o conhecimento adquirido nas instituições académicas facilita a reflexão e o diálogo entre treinadores e atletas. Contudo a formação académica do IPCB, segundo o resultado da nossa investigação, indica, por parte dos recém-licenciados, uma aproximação à literatura e resultados nos últimos dois anos analisados dos perfis adotados pelos treinadores com experiência como é possível observar também na investigação de Nunes (2020) em que o maior valor de média encontrado foi o perfil “Inovador”, numa amostra cujo maior valor de formação, foi a formação académica.

A mesma variável anteriormente discutida em relação ao estilo de tomada de decisão também não apresenta diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes anos de conclusão dos recém-licenciados. Em semelhança ao estilo de tomada de decisão predominante, independentemente da variável género, experiência e situação profissional, constata-se novamente o perfil “Democrático” entre os recém-licenciados. O perfil com menor valor de média altera entre o perfil “Autoritário” e “Permissivo”. Os resultados vão ao encontro da investigação de Nunes (2020), permitindo assim por parte da decisão dos treinadores que os atletas tenham uma opinião acerca dos aspetos relacionados com o treino e com as competições, em consequência disso, os atletas se sentirão mais à vontade para exprimir as suas ambições e dificuldades a melhorar.

A comparação dos perfis e estilo de tomada de decisão entre as duas situações profissionais analisadas encontram somente diferenças significativas, no perfil, mais especificamente no “Tecnológico”. O perfil apresenta um maior valor de média nos recém-licenciados. Continuando a comparação pode-se afirmar que a investigação apresenta um maior valor de média no perfil “Colaborador” quando se trata dos recém-licenciados e um maior valor de média no perfil “Inovador” quando se trata da situação dos treinadores com experiência, independentemente do género. Relativamente à experiência como se pode verificar anteriormente o perfil sofre alterações ao longo do desenvolvimento profissional e ao longo dos anos de conclusão de licenciatura no IPCB, sendo que nos últimos dois anos analisados, o perfil “Inovador” apresenta o maior valor de média tal como os valores superiores que apresenta na análise dos diferentes anos de experiência de treinador. Segundo Feu et. al. (2003) os treinadores ajustam o seu perfil às suas características pessoais e às características circunstanciais do contexto de treino e com base nos dados, é possível verificar que os treinadores optam por um treino de forma geral mais inovadora, que cativa os atletas para uma boa prática desportiva para que estes não percam o interesse pela modalidade, nem pelas tarefas propostas (Nunes, 2020). O perfil tradicional apresente o menor valor de média independentemente do género e ano de conclusão de licenciatura. Apenas não o apresenta na situação profissional de treinador com 6 a 7 anos de experiência e mais de 11 anos de experiência. Segundo Feu et al. (2007) as características e necessidades dos atletas adaptados podem exigir menos adoção de um perfil tradicional ou a delegação de habilidades pois o treino é altamente personalizado.

Por fim, abordamos a comparação do estilo de tomada de decisão entre as situações profissionais sendo que o perfil “Democrático” apresenta-se com o maior valor de média em ambas as situações profissionais, independentemente do género, anos de experiência e anos de conclusão de licenciatura, seguido do perfil “Autoritário” e “Permissivo”. Sendo que os dois últimos variam na média com menor valor ao associarmos a variável do género pois o perfil “Permissivo” apresenta sempre o menor valor, exceto nos homens pertencentes à amostra, mais especificamente nos recém-licenciados cujo menor valor é o do perfil “Autoritário”. Ao associarmos a experiência de treinador o perfil “Permissivo” apresenta sempre o menor valor exceto nos treinadores com dois e três anos de experiência o que nos permite afirmar que ao longo da experiência os treinadores tomam decisões menos permissivas de treino no desporto adaptado. Os resultados vão ao encontro da investigação realizada por Pires et al. (2021) em que os treinadores de desporto adaptado pertencentes ao Special Olympics apresentam um leque variado na sua atuação no treino, onde predomina o estilo de decisão democrático. Nesta perspetiva segundo o autor os treinadores devem ter uma grande plasticidade para adequar a forma como tomam decisões, com o intuito de trabalhar os atletas consoante o seu grau de habilidade e competências. Feu et al. (2010) salientam que este aspeto permite espaço aos atletas para tomarem as suas decisões e respetivas consequências

das mesmas. No entanto é necessário ter em consideração onde a atividade é desenvolvida, visto que diferentes contextos relançam diferentes estilos de decisão (Gamonales et al., 2019). Terminando a comparação com a associação à variável dos anos de conclusão de licenciatura dos recém-licenciados no IPCB, o menor valor é variável, sendo que no último ano analisado, 2021, o perfil “Permissivo” apresenta o menor valor o que nos permite afirmar que os resultados do estilo de tomada de decisão dos recém-licenciados na área são próximos dos treinadores com experiência no terreno cujos resultados encontram-se em concordância com os de Pires et al. (2021) e de Feu et al. (2010). Os autores referem que o estilo democrático é preferível ao estilo autoritário, alertando para a necessidade de utilização de adaptar decisões permissivas na área do treino de desporto adaptado.

Capítulo 4: Conclusões

1. Conclusões

A investigação de acordo com os objetivos delineados inicialmente, apresenta algumas conclusões que nos permitem justificar a pertinência do mesmo e que nos alargou o conhecimento acerca do perfil e estilo de tomada de decisão do treinador de desporto adaptado dos que estão a desenvolver o seu trabalho profissional na área e dos que recém se licenciaram no desporto adaptado no IPCB.

O primeiro objetivo do presente estudo centrou-se em caraterizar o perfil de treinador dos recém-licenciados na área do desporto adaptado e verificou-se o perfil “Colaborador” com valores médios superiores seguido do perfil “Inovador”, “Crítico”, “Tecnológico”, “Dialogador” e por fim, “Tradicional”.

No que diz respeito ao segundo objetivo de caraterizar o perfil, mas na situação profissional de treinador com experiência é possível concluir que o perfil com maior valor de média foi o “Inovador”, “Crítico”, “Colaborador”, “Dialogador”, “Tecnológico” e em último à semelhança da situação profissional de recém-licenciados, o perfil “Tradicional”.

O terceiro e quarto objetivo da dissertação procurou caraterizar o estilo de tomada de decisão dos recém-licenciados na função de treinador e dos treinadores de desporto adaptado. O perfil “Democrático” apresentou o maior valor de média seguido do “Autoritário” e do “Permissivo”, independentemente da situação profissional.

O quinto objetivo referente à comparação do perfil de treinador entre as duas situações profissionais permite-nos afirmar que os treinadores com experiência adotam preferencialmente um perfil de treinador cuja estratégia e elementos de treino são inovadores, pois experimentam e introduzem mudanças no treino com gosto pela partilha de inovação com os seus assistentes ao contrário dos recém-licenciados que preferem adotar um perfil de treinador que controla através do diálogo todos os elementos do treino, seguido do perfil “Inovador”. Concluímos em resposta ao objetivo que os treinadores de desporto adaptado adotam preferencialmente o perfil “Inovador”, perfil este que os recém-licenciados adotam como segunda preferência nos resultados. O perfil “Colaborador”, adotado como preferência nos resultados dos recém-licenciados, têm uma menor tendência a ser adotado pelos treinadores que desenvolvem a sua profissão no desporto adaptado. O perfil de treinador “Tradicional” caraterizado por ter um estilo de ensino diretivo, de ambiente de treino sério e tenso, onde os jogadores saibam o que devem fazer é o tipo de perfil que tanto os recém-licenciados como os treinadores na área do desporto adaptado menos tendência têm a adotar.

O último objetivo da nossa investigação foi a comparação do estilo de tomada de decisão entre os recém-licenciados e treinadores. Podemos concluir que o estilo de tomada de decisão adotado no desporto adaptado é igual para ambas as situações profissionais. Os treinadores e recém-licenciados adotam uma tomada de decisão no

treino que permite uma maior participação dos atletas com deficiência referentes aos objetivos do grupo, métodos e táticas, apesar das diretrizes serem decididas pelo técnico. O perfil menos adotado por ambas as situações profissionais é o “Permissivo”. Concluímos então que o perfil de treinador que se caracteriza pela total liberdade dos atletas para a tomada de decisão, cuja participação do técnico é mínima apresentando apenas alternativas variadas ao grupo e o que elas podem fornecer é a tomada de decisão menos característica por parte dos técnicos a adotar no desporto adaptado.

Em relação à problemática lançada no início da nossa investigação: *Que perfil e estilo de decisão predominam tanto nos treinadores de desporto adaptado como nos recém-licenciados na área?* podemos inferir que o estilo de tomada de decisão predominante é o “Democrático” tanto nos recém-licenciados como nos treinadores e que o perfil predominante varia conforme a situação profissional, sendo que nos recém-licenciados é o “Colaborador” e nos treinadores com experiência é o “Inovador”. De uma forma geral o perfil “Inovador” predomina sem a associação da variável da situação profissional associada.

A intervenção do treinador de desporto adaptado, segundo os resultados, deve ter em consideração um perfil misto onde predominem os perfis “Inovador”, “Colaborador” e “Crítico”. Esta situação implica que os treinadores da área sejam reflexivos e não conformistas, procurando constantemente novas soluções para adequar o treino às necessidades efetivas dos atletas com necessidade de um clima de confiança entre eles.

A sua intervenção, relativamente ao estilo de tomada de decisão, deve ter em conta os vários estilos, com maior predominância do “Democrático”, permitindo a participação do atleta com deficiência para que assumam uma opinião e um maior à vontade para se exprimirem acerca de ambições e dificuldades a melhorar, estando assim o treinador e atleta em sintonia. Esta premissa torna o desenvolvimento holístico dos atletas mais sustentado, maximizando o potencial desportivo dos atletas e consequentemente o aumento da eficácia do treino, uma vez que muitos atletas do desporto adaptado do Special Olympics, encontram-se, maioritariamente, em contexto institucional, considerando o treinador atual como uma referência. Os resultados indicam-nos que os treinadores na tomada de decisão, definição de objetivos para o treino e estratégias a utilizar em competição estejam em consenso com os dos atletas, mas não deve permitir que os atletas os estabeleçam sozinhos, tendo sempre o treinador um papel a desenvolver nesse contexto que deve visar o consenso no treino e competição.

Em suma, a conduta do treinador de desporto adaptado deve ter em conta uma formação especializada na área permitindo um raciocínio pedagógico adequado, compreendendo as necessidades dos atletas, adaptando e avaliando o treino de uma forma reflexiva de todo o processo. Estes fatos facilitam o desempenho do treinador em encararem os atletas na sua plenitude, independentemente da sua condição ou

patologia. O treinador para atletas com deficiência requer então uma abordagem flexível, pois o papel de treinador é complexo e exigente, mas é de enorme importância utilizar o desporto como um veículo transformador de normalização da pessoa com deficiência no desporto. Desta forma os treinadores encontram-se mais bem preparados para enfrentar as suas funções com maiores garantias de adequação do processo de treino e participação em competições às características e necessidades dos atletas.

O papel do treinador tal como a sua formação é assim fundamental para que o perfil e estilo de tomada de decisão conduza aos processos de desenvolvimento e êxito desportivo dos atletas, referidos anteriormente. Os resultados indicam-nos assim uma aproximação do êxito desportivo na área do desporto adaptado, por parte dos treinadores portugueses de desporto adaptado e recém-licenciados com formação superior especializada no IPCB.

2. Limitações e Recomendações

Algumas limitações encontradas ao longo do estudo foi a escassez de informação relativa ao desporto adaptado em Portugal e aos licenciados na área, nomeadamente no perfil e estilo de tomada de decisão onde os resultados ainda são mais reduzidos, o que nos dificultou na revisão bibliográfica e discussão dos resultados.

Em investigações futuras relacionadas com a nossa, recomenda-se abranger na amostra treinadores de desporto adaptado para além de pertencerem ao SO, uma vez que há mais entidades organizadores de eventos de desporto adaptado. Recomenda-se abranger também mais recém-licenciados pois existem mais instituições de formação académica que licencie técnicos na área do desporto adaptado.

Recomenda-se que se investigue mais acerca da comparação entre os géneros, anos de experiência e anos de conclusão de licenciatura com o intuito de analisar variáveis preditoras do perfil do treinador sobre o estilo de tomada de decisão ou o contrário. Por fim, recomenda-se avaliar numa perspetiva de alargar o conhecimento sobre a função do treinador de desporto adaptado, em futuras investigações, as diferentes variáveis de formação (jogador reciclado, formação académica ou autodidata) e estilo de planificação (flexível, rígido e improvisador).

Referências Bibliográficas

- Abernethy, B., Summers, J. & J., and Ford, S. (1998). *Issues in the measurement of attention: Advancements in Sport and Exercise Psychology Measurement*. Duda, J.L.
- Abraham, A., Collins, D., & Martindale, R. (2006). The Coaching Schematic: Validation Through Expert Coach Consensus. *J Sports Sci*, vol.24 (6), 549-564.
- Afonso, A. & Nunes, C. (2019). *Probabilidade e Estatística: Aplicação e Soluções em SPSS*. Universidade de Évora, Portugal.
- Alves, J. & Araújo, D. (1996). Processamento da informação e tomada de decisão no desporto. In J. Cruz (Ed.), *Manual de psicologia aplicada ao desporto e à actividade física* (361 – 388). Sistemas Humanos.
- Araújo, J. (1995). *Manual do treinador do desporto profissional*. Campo das Letras.
- Araújo, P. (1997). *Desporto adaptado no Brasil: origem institucionalização e atualidade*. [Dissertação de doutoramento]. Ministério da Educação e do Desporto, Indesp.
- Audley, P. (2002). *People with Physical and Sensory Disabilities: Participation Levels and Barriers to Physical Activity*. Western Health Board: The Department of Public Health.
- Banack, H., Sabiston, C., & Bloom, G. (2011). Coach autonomy support, basic need satisfaction and intrinsic motivation of paralympic athletes. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, Vol. 82(4), 722-730.
- Bazerman, H. (2004). *Processo Decisório: para cursos de Administração, Economia e MBAs*. Elsevier Editora.
- Bland, J. M. & Altman, D. G. (1997) Cronbach's alpha. *British Medical Journal*. p. 314-572.
- Boterf, G. (2003). *Desenvolvendo as competências profissionais*. Artmed
- Buceta, J. (2010). Psicologia dos treinadores esportivos: Conceitos fundamentais e áreas de intervenção. In *Coleção psicologia do esporte e do exercício: O treinador e a psicologia do esporte*, vol. 5, (17-40). Ed. Atheneu.
- Cardoso, V., Palma, L. & Zanella, Â. (2010). A motivação de pessoas com deficiência para a prática do esporte adaptado. *Revista Digital Efdeportes.com*, vol. 15 (146).
- Castro, J., Marques, U. & Silva, M. (2001). Atividade Física Adaptada: uma visão crítica. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Vol. 1 (1), 65 –72.
- Chelladurai, P., Haggerty T. & Baxter, PR. (1989). Decision style choices of university basketball coaches and players. *J Sport Exerc Psychol*, vol. 11, 201-215.
- Comellas, M. (2000). La formación competencial del profesorado: formación continuada y nuevos retos organizativos. *Educar*, vol. 27, 87-101.
- Comissão Europeia (2007). *Livro Branco Sobre o Desporto*. Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.
- Conroy, D. E., & Coatsworth, J.d. (2006) Coach training as a strategy for promoting youth social development. *Sport Psychologist*, vol. 20(2), 128 – 144.
- Costa e Silva, A., Marques, R., Pena, L., Molchansky, S., Borges, M., Campos, L., Araújo, P., Borin, J., Gorla, J. (2013) Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. *Revista Brasileira Educação Física e Esporte*, vol. 27 (4), 679-687.

- Côté, J., & Gilbert, W. (2009). An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. *International Journal of Sports Science & Coaching*.
- Cregan, K., Bloom, G. A., & Reid, G. (2007). Career evolution and knowledge of elite coaches swimmers with physical disability. *Research for Exercise and Sport*, vol. 78, 339 – 350.
- Cruz, C. (2001). *Competências e habilidades: da proposta à prática*. Edições Loyola.
- Cunha, L., Pires, G., & St'Aubyn, A. (2000). O espaço e o acesso ao desporto, constituição de um modelo de acessibilidade ao desporto na sub-região do Vale do Tejo – Portugal- 1997- 2000. *Ludens*, vol. 16 (4), 43- 64.
- Cunha, M. P., & Rego, A. (2003). *Comportamento Organizacional e Gestão: Instrumento de Medida*. Escolar Editora.
- Cushion, C., Armour, K., & Jones, R. (2003). Coach education and continuing professional development: experience and learning to coach. *National Association for Physical Education in Higher Education*, vol. 55, 215-230. <https://doi.org/10.1080/00336297.2003.10491800>
- Decreto – lei nº 407/99 de 15 de outubro. Diário da República n.º 241/1999, Série I-A. Presidência do Conselho de Ministros.
- Demers, G., Woodburn, A., & Savard, C. (2006). The development of an undergraduate competency-based coach education program. *The Sport Psychologist*, vol. 20, 162-173.
- Dias, R. (2007). Desporto Adaptado do Futebol Clube do Porto. [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Duarte, T., & Culver, D.M. (2014). Becoming a Coach in Developmental Adaptive Sailing: A Lifelong Learning Perspective. *J Appl Sport Psychol*, vol. 26(4), 441-456.
- Dunn, J. (1980). History of Sport for the handicapped. Comunicação apresentada in: Annual Meeting of National Association for physical Education in Higher Education. Brainerd, Minnesota: *National Association for Physical Education in Higher Education*.
- Elinder, L. S., Bergstrom, H., Hagberg, J., Wihlman, U., & Hagstromer, M. (2010). Promoting a healthy diet and physical activity in adults with intellectual disabilities living in community residences: Design and evaluation of a clusterrandomized intervention. *BMC Public Health*, vol. 10, 761.
- Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência. (2012). Regulamento Geral de 2012. Consultado a 5 de outubro de 2021 em: <http://fpdd.org/wp-content/uploads/2018/03/Regulamento-Geral-FPDD.pdf>
- Fernandes, I. (2021). *Perfil de liderança de treinador de desporto adaptado de atletas com dificuldade intelectual e desenvolvimental participantes no Special Olympics*. [Dissertação de Mestrado]. Escola Superior de Educação de Castelo Branco. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.11/7629>
- Feu, S., Ibáñez, S. J. e Gozalo, M. (2010). Influence of formal and non-formal training on coaching style. *Revista de Educación*, vol. 353, 321-322.
- Feu, S., Ibáñez, S.J., Graça, A. & Sampaio, J. (2007). Evaluación psicométrica del cuestionario de orientación de los entrenadores en una muestra de entrenadores españoles de balonmano. *Psicothema*, vol. 19(4), 699-705.
- Fletcher, D., & Scott, M. (2010). Psychological stress in sports coaches: A review of concepts, research and practice. *Journal of Sport Sciences*, vol. 28(2), 127-137. <https://doi.org/10.1080/02640410903406208>.

- Fraille, A.; Vallejo, R.; Boada, J. & Grau, J. (2011) El perfil de los técnicos del deporte escolar en un contexto europeo. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y del Deporte*, vol. 11, 278-297.
- Gamonales, J. M., Gómez-Carmona, C. D., Córdoba-Caro, L. G. e Ibáñez, S. J. (2019). Influencia del perfil de entrenador en el diseño de las tareas en el fútbol: Estudio de caso. *Journal of Sport and Health Research*, vol. 11(1), 69-82.
- Gómez-López; M., Sánchez-Alcaraz Martínez, B. J. & Ruiz-Sánchez, V. (2018). Orientación de los entrenadores de balonmano. Influencia del género, edad, experiencia, formación y dedicación semanal. *Ebalonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte*, vol. 14(1), 27-34.
- Hayes, B. (1998). *Measuring Customer Satisfaction: Survey design, use, and statistical analysis methods*. ASQC Quality Press.
- Ibáñez, S. J. (1996). *Análisis del proceso de formación del entrenador español de baloncesto*. [Tese de doutoramento]. Universidad de Granada.
- Ibáñez, S.J. (1997a). Los Modelos de Entrenador Deportivo Basados en el Rol Predominante. *Rev. Española Educ. Física Deportes*, vol.4, 35-42.
- Ibáñez, S.J. (1997b). Variables que Afectan al Establecimiento de los Modelos de Entrenador de Baloncesto: Habilidad Motriz. *Revista Act. Física Deporte*, vol.10, 30-37.
- Jones, R., Armour, K., & Potrac, P. (2004). *Sports Coaching Cultures: From practice to theory*. Routledge.
- Knowles, Z, Borrie, A., & Telfer, H. (2005). Towards the reflective sports coach: issues of context, education and application. *Ergonomics*, vol.48 (11-14), 1711-1720.
- Krus, J. & Helmstadter C. (1993). The problem of negative reliabilities. *Educational and Psychological Measurement*, vol. 53, 643-650.
- Lee, J. e Porretta, A. (2013). Document analysis of sports literature for individuals with 368 disabilities. *Perceptual & Motor Skills: Physical Development & Measurement*, vol. 369 (116), 847- 858. DOI: 10.2466/15.06.PMS.116.3.847-858.
- Lima, T. (2000). *Saber treinar, aprende-se!*. Centro de Estudos e Formação Desportiva.
- Louro, C. (2001). *Ação Social na Deficiência*. Universidade Aberta.
- MacDonald, J., Beck, K., Erickson, K., & Côté, J. (2015). Understanding Sources of Knowledge for Coaches of Athletes with Intellectual Disabilities. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, vol.29(3), 242-249.
- Mallett, C. J., Trudel, P., Lyle, J., & Rynne, S. B. (2009). Formal vs. Informal Coach Education. *International Journal of Sports Science and Coaching*, vol. 4(3), 325-334.
- Mallett, C., & Côté, J. (2006). Beyond winning and losing: Guidelines for evaluating high performance coaches. *The Sport Psychologist*, vol.20(2), 213-221.
- Martens, R. (1987). *Coaches guide to sport psychology*. Human Kinetics Champaign.
- Martin, J. (2017). *Handbook of Disability Sport and Exercise Psychology*. New. Oxford University Press.
- Martins, L. (1990). A Intervenção do Treinador. *Treino desportivo*, vol. 17, 28-32.

McMaster, S., Culver, D. e Werthner, P. (2012). Coaches of athletes with a physical 381 disability: a look at their learning experiences. *Qualitative Research in Sport: 382 Exercise and Health*, vol. 4, 226-243. DOI: 10.1080/2159676x.2012.686060.

Mendes, A. (2009) *Perfil do treinador de futebol de formação: Estudo da percepção de treinadores acerca das características de excelência*. [Dissertação de Licenciatura]. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Moita, M. (2008). *Um percurso de sucesso na formação de jogadores em Futebol: Estudo realizado no Sporting Clube de Portugal – Academia Sporting/Puma*. [Dissertação de licenciatura]. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Morais, T. (2006) *Compromisso: Nunca desistir*. Booknomics.

Moran, T. E., & Block, M. E. (2010). Barriers to Participation of Children with Disabilities in Youth Sports. *Teaching Exceptional Children Plus*, vol. 6(3), 1-13.

Nazarudin, M. N. B. H., Fauzee, M. S. O., Jamalis, M., Geok, S. K., & Din, A. (2009). Coaching Leadership Styles and Athlete Satisfaction Among Malaysian University Basketball Team. *Research Journal of International Studies*, vol.9, 4-11.

Nunes, G. (2020). *O treinador de desporto adaptado – Perfil de formação, orientação no treino, estilo de decisão e de planificação*. [Dissertação de Mestrado]. Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Oliveira, J. C. P. d., Oliveira, A. L. d., Moraes, F. d. A. M., Silva, G. M. d., & Silva, C. N. M. d. (2016). *O Questionário, O Formulário e A Entrevista como Instrumentos de Coleta de Dados: Vantagens e Desvantagens do seu uso na Pesquisa de Campo em Ciências Humanas*. III Congresso Nacional de Educação – Conedu.

OMS. (2004). *Classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde*. Direção Geral de Saúde.

Perrenoud, P. (1999). *Construir as competências desde a escola*. Artmed Editora.

Perrenoud, P. (2000). *Dez novas competências para ensinar*. Artmed Editora.

Peterson, R. A. (1994). A meta-analysis of Cronbach's coefficient alpha. *Journal of Consumer Research*, vol.21(2), 381-391.

Pinheiro, V., Costa, A., Baptista, B., & Sequeira, P. (2012). 10 Mandamentos do Treino com Jovens Futebolistas. *Redaf - Revista Electronica Electrónica de Desporto e Actividade Física*, vol. 5(1).

Pires, P., Mesquita, H., Batista, B., Nunes, G., Serrano, J., Ibáñez, S. (2019). Estilo de decisão e de planificação do treinador de desporto adaptado. *Libro de actas del I Congreso Internacional de Innovación en el deporte: 25 años caminando juntos*. Facultad de Ciencias del Deporte Universidad de Extremadura, 27 – 28.

Pires, P., Mesquita, H., Ibáñez, S., Serrano, J. & Machado, A. (2018). Da Teoria à prática: Formação de Profissionais em Desporto Adaptado. *Revista Científica da Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência*, vol. 4, 33.

Pires, P.; Batista, M.; Marinho, D.A.; Antúñez, A.; Mesquita, H.; Ibáñez, S. (2021) Training and Profile of Special Olympics Portugal Coaches: Influence of Formal and Non-Formal Learning. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, vol. 18, 6491.

Potter, J. (1975). Activités Motrices Fonctionnelles et Sportives pour Handicapés. In Université Livre de Bruxelles (Ed), *Activités Physiques et Sportives pour Infirmités Motrices Cerebraux (Journée d'Étude)* (1 – 2). Université Livre de Bruxelles.

Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. Novo Hamburgo.

Reyes, Y., Quián, Y., Santana, G., & García, J. (2019) Programa de capacitación no formal para la preparación de entrenadores de fútbol de la liga de tercera división en Danlí, Honduras. *Revista de Ciencia Y Tecnología en La Cultura Física*, vol. 14(1), 71-80.

Richardson, R. J. (1989). *Pesquisa Social, Métodos e Técnicas*. Ed. Atlas, 2º Ed.

Rimmer, J. H., Riley, B., Wang, E., Rauworth, A., & Jurkowski, J. (2004). Physical Activity Participation Among Persons with Disabilities: Barriers and Facilitators. *Am J Prev Med*, vol.26(5), 419-425.

Roberton, T., Bucks, R. S., Skinner, T. C., Allison, G. T., & Dunlop, S. A. (2011). Barriers to Physical Activity in Individuals with Spinal Cord Injury: A Western Australian Study. *Australian Journal of Rehabilitation Counselling*, vol. 17(2), 74-88.

Rodrigues, J. (1997). *Os treinadores de Sucesso. Estudo da Influência do Objetivo dos Treinos e do Nível de Prática dos Atletas na Actividade Pedagógica do Treinador de Voleibol*. Edições F.M.H.

Samulski, D. M., Noce, F., Pussieldi, G., Souza, P. R. C. & Costa, V. T. (1998). Análise dos dados psicossociais. In Ministério da Educação e do Desporto (Org.). *Resultado da Avaliação dos Jogos da Juventude 1997 (11-24)*. Publicações INDESP.

Serpa, S. (1990). O treinador como líder: panorama atual da investigação. *Ludens*, vol.12, 23-32.

Serpa, S. (1998). Treino desportivo e comportamento interpessoal: a díade treinador-atleta. In A. Marques, A. Prista & A. Júnior (Eds.), *Educação Física: contexto e inovação (193-201)*. Universidade do Porto – Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.

Serpa, S., Lacoste, P., Antunes, I., Pataco, V., & Santos, F. (1989). Metodologia de tradução e adaptação de um “teste específico do desporto”. A escala de liderança no desporto. *Comunicação apresentada no II Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*.

Silva, A. (2014). *Formação de Treinadores: a percepção dos estudantes-estagiários acerca dos processos de tutoria no âmbito do estágio profissional*. Faculdade de Desporto do Porto.

Silva, A., Marques, R., Pena, L., Molchansky, S., Borges, M., Campos, L., Araújo, P., Borin, J. & Gorla, J. (2013). Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, vol. 27, 679-687.

Silva, J. (2018). Revisitando a Acessibilidade a partir do Modelo Social da Deficiência: Experiências na Educação Superior. *Revista Educação Especial*, vol.31(60), 197-214.

Simão, J. (1998). *A formação do treinador: análise das representações de treinadores em relação à sua própria formação*. UTLFMH, Lisboa.

Sousa, J. (2013). *Estilo de tomada de decisão do treinador futebol português*. [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Motricidade Humana. Disponível em <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/6442/1/Tese%20final%203.pdf>

Streiner, D. L. (2003). Being inconsistent about consistency: when coefficient alpha does and doesn't matter. *Journal of Personality Assessment*. vol. 80, 217-222.

Tardif, M. (2002). *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes.

Tawse, H., Bloom, G., Sabiston, C., & Reid, G. (2012). The role of coaches of wheelchair rugby in the development of athletes with a spinal cord injury. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, vol. 4(2), 206-225. <https://doi/10.1080/2159676X.2012.685104>.

Trudel, P., Gilbert, W., & Werthner, P. (2010). Coach education effectiveness. In J. Lyle & C. Cushion (Eds.), *Sports coaching: Professionalization and practice* (135-152). Elsevier.

Varela, A. (1991). Desporto para pessoas com deficiência: Expressão distinta do desporto. *Educação especial e reabilitação*, vol. 1, 53 - 62. Universidade Técnica de Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

Vieira, A., Dias, C., Corte – Real, N., & Fonseca, A. (2016). *A liderança em situações de treino: um estudo com treinadores de elite do voleibol brasileiro*. Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Desportivo: Comité Olímpico de Portugal.

Vitorino, A., Monteiro, D., Moutão, J., Morgado, S., Bento, T., & Cid, L. (2015). Atividade física adaptada na população com necessidades especiais. *Desporto e Atividade Física para todos – Revista Científica da FPDD*, vol.1 (1), 47-51.

Wareham, Y., Burkett, B., Innes, P., & Lovell P. (2017). Coaching athletes with disability: 399 preconceptions and reality. *Sport in Society*, vol. 20(9), 1185-1202. DOI: 400 10.1080/17430437.2016.1269084

Anexos

Anexo A - Coach Profile questionnaire aplicado aos treinadores e recém-licenciados

Caro(a) Treinador / Treinadora:

O questionário que lhe apresentamos faz parte de uma investigação que estamos a realizar na **Escola Superior de Educação de Castelo Branco**. Esta investigação pretende averiguar o *Modelo do Treinador de Desporto Adaptado – Caracterização do perfil de formação, orientação no treino, estilo de decisão e de planificação e as variáveis que os afectam*. Para isso necessitamos que responda aos seguintes questionários sobre os modelos e as variáveis que afectam o Treinador, bem como, o questionário sobre os seus dados pessoais e da equipa que treina.

Este questionário divide-se em três partes e no início de cada uma delas encontrará instruções para poder responder. Para facilitar, quase todas as perguntas se respondem escolhendo um valor e rodeando-o com um círculo, não tendo portanto que escrever ou redigir qualquer frase.

Esta investigação garante que todos os dados pessoais recolhidos se manterão no maior sigilo e anonimato.

Você foi seleccionado entre uma amostra de Treinadores e a sua colaboração é muito importante para esta investigação. Por favor, responda a todas as perguntas de forma sincera e verdadeira.

MUITO OBRIGADO!

N.º DO QUESTIONÁRIO:

QUESTIONÁRIO: MOD-EN**INSTRUÇÕES PARA RESPONDER AO QUESTIONÁRIO**

Este questionário pretende averiguar as preferências dos Treinadores face às distintas situações ou problemas que surgem durante o treino. Para responder, siga as seguintes instruções:

1. Leia o cabeçalho em negrito com muita atenção e seguidamente leia atentamente cada item.
2. Rodeie com um círculo o valor que mais se ajuste com o seu grau de acordo ou desacordo con o item e com as suas preferências como Treinador

0 10 20 30 **40** 50 60 70 80 90 100

3. Se se enganar marque com um "x" e rodeie com um círculo a resposta que pretende.

0 10 20 ~~30~~ 40 50 60 **70** 80 90 100

4. Por favor responda a todos os itens com a maior sinceridade possível.

MUITO OBRIGADO

NO DESEMPENHO DAS MINHAS FUNÇÕES COMO TREINADOR PREFIRO:

	Totalmente em desacordo	Totalmente de acordo
1. Procurar meios e recursos materiais que melhorem o treino e abandonar os que não sirvam.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
2. Utilizar o discurso e a palavra como um meio para conduzir o treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
3. Criar nos jogadores um ambiente favorável à aceitação de novas tecnologias durante o treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
4. Inovar e procurar métodos e técnicas não habituais na minha modalidade.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
5. Analisar tudo até ao último detalhe de modo a eliminar todos os erros.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
6. Questionar os métodos de treino utilizados, procurando os mais perfeitos	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
7. Dirigir pessoalmente todo o processo de treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
8. Ter jogadores que sigam fielmente as minhas instruções	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
9. Delegar funções e responsabilidades nos meus ajudantes	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
10. Planificar sozinho todo o processo de treino	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	

NO DESEMPENHO DAS MINHAS FUNÇÕES COMO TREINADOR PREFIRO:

	Totalmente em desacordo	Totalmente de acordo
1. Inovar e experimentar na planificação do treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
2. Convencer os meus ajudantes através do diálogo sobre o melhor processo de treino a seguir.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
3. Fomentar um clima de treino onde todos saibam o que têm que fazer.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
4. Aplicar só métodos e técnicas de treino de reconhecida eficácia.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
5. Ter jogadores que sigam fielmente as minhas instruções.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
6. Dialogar com os jogadores de modo a favorecer a criação de um bom ambiente no grupo de trabalho.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
7. Utilizar meios e recursos materiais de cariz tecnológico	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
8. Ter jogadores com atitude crítica que analisem o seu trabalho e atitudes.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
9. Permitir que os meus ajudantes proponham coisas novas para o processo de treino	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
10. Provocar um clima de reflexão e análise do trabalho realizado	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
11. Envolver o jogador num clima receptivo às alternativas e novidades que lhe proponho.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
12. Ter ajudantes especialistas na utilização dos instrumentos que os avanços tecnológicos nos facilitam.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
13. Planificar o treino com o apoio da tecnologia	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
14. Convencer, através da palavra, ajudantes, jogadores, directores, pais, das qualidades do projecto desportivo.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
15. Falar e convencer os jogadores sobre a planificação do treino	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
16. Expôr aos meus ajudantes exactamente o que espero deles para que possam seguir as minhas instruções.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
17. Procurar e utilizar novos meios e recursos materiais para conduzir o treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
18. Avaliar o processo de treino com a ajuda de instrumentos tecnológicos.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	

NO DESEMPENHO DAS MINHAS FUNÇÕES COMO TREINADOR PREFIRO:

	Totalmente em desacordo	Totalmente de acordo
19. Canalizar através dos meus auxiliares, se os tiver, a minha relação com os atletas.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
20. Ter auxiliares que analisem e reflectam sobre o processo de treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
21. Planificar, coordenando as capacidades de todo o corpo técnico.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
22. Fomentar um clima em que os jogadores se comuniquem inicialmente através dos meus auxiliares.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
23. Coordenar, com os meus auxiliares, a forma como vamos trabalhar durante os treinos.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
24. Ter jogadores que colaborem com as contínuas alternativas e inovações que se lhes propoem.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
25. Utilizar métodos e técnicas de treino apoiados em meios tecnológicos.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
26. Questionar criticamente o processo de planificação seguido.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
27. Utilizar a avaliação para fazer uma análise crítica do processo de treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
28. Dialogar com os jogadores de modo a convencê-los da utilidade da metodologia de treino empregue.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
29. Delegar funções nos meus auxiliares, se os tiver, e coordenar o seu trabalho.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
30. Utilizar meios e recursos materiais de eficácia comprovada para a minha modalidade.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
31. Coordenar com os meus auxiliares, se os tiver, a selecção e utilização de meios e recursos materiais.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
32. Ter jogadores que colaborem nas tarefas que realizamos com o auxílio de instrumentos e aparelhos tecnológicos.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
33. Inovar procurando novidades e alternativas para o processo de treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
34. Utilizar métodos alternativos e inovadores na avaliação do processo de treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
35. Utilizar o diálogo como meio de informação para avaliar o processo de treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
36. Utilizar meios tecnológicos para a planificação, controle e avaliação do treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	

Anexo B - Sport Coach Decision Style aplicado aos treinadores e recém-licenciados

<u>QUESTIONÁRIO: VAR – ACTI</u> INSTRUÇÕES PARA RESPONDER AO QUESTIONÁRIO	
Este questionário pretende recolher a opinião dos treinadores sobre o que fazem e pensam sobre o controle e a tomada de decisões no treino. Para responder, siga as seguintes instruções:	
1. Leia o cabeçalho em negrito com muita atenção e seguidamente leia atentamente cada item.	
2. Rodeie com um círculo o valor que mais se ajuste com o seu grau de acordo ou desacordo com o item e com as suas preferências como Treinador	0 10 20 30 ☒ 40 50 60 70 80 90 100
3. Se se enganar marque com um "x" e rodeie com um círculo a resposta que pretende.	0 10 20 ☒ 30 40 50 60 ☒ 70 80 90 100
4. Por favor <u>responda a todos os itens com a maior sinceridade possível.</u>	
MUITO OBRIGADO	

**NO CONTROLE E/OU NA TOMADA DE DECISÕES DURANTE O TREINO E A
COMPETIÇÃO GOSTO OU PREFIRO:**

	Totalmente de acordo	Totalmente desacordo
1. Estar em consenso com os jogadores sobre os objetivos a alcançar	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
2. Permitir que o jogador faça o que achar oportuno.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
3. Permitir que os jogadores expressem a sua opinião sobre as orientações pré-determinadas.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
4. Estabelecer pessoalmente os objectivos a alcançar	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
5. Deixar aos jogadores a responsabilidade das decisões sobre as estratégias a seguir	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
6. Não discutir nem ralar com os jogadores para assim "ficar bem" com todos	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
7. Tomar pessoalmente todas as decisões do processo de treino	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
8. Deixar que os jogadores estabeleçam os seus próprios objectivos	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
9. Tomar pessoalmente todas as decisões sobre o controle e a disciplina	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
10. Contar com a opinião dos jogadores na toma de decisões	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
11. Que os jogadores façam exactamente o que lhes ordeno	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
12. Que os jogadores se impliquem no estabelecimento de normas para o controle da disciplina	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	